

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

LUCAS JOSÉ LEME

**A DIGNIDADE HUMANA E SUAS IMPLICAÇÕES ÉTICAS E SOCIAIS À LUZ DE
JOÃO PAULO II**

CAMPINAS

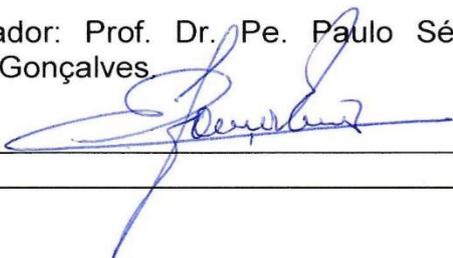
2024

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE TEOLOGIA
LUCAS JOSÉ LEME**

**A DIGNIDADE HUMANA E SUAS IMPLICAÇÕES ÉTICAS E SOCIAIS À LUZ DE
JOÃO PAULO II**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Teologia da Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do grau de Bacharel.

Orientador: Prof. Dr. Pe. Paulo Sérgio Lopes Gonçalves



CAMPINAS

2024

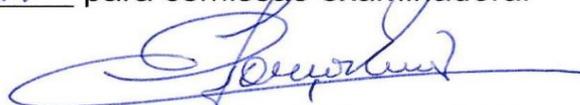
Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

L551d	<p>Leme, Lucas</p> <p>A DIGNIDADE HUMANA E SUAS IMPLICAÇÕES ÉTICAS E SOCIAIS À LUZ DE JOÃO PAULO II / Lucas Leme. - Campinas: PUC-Campinas, 2024.</p> <p>68 f.</p> <p>Orientador: Paulo Sérgio Gonçalves.</p> <p>TCC (Bacharelado em Teologia) - Faculdade de Teologia , Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2024. Inclui bibliografia.</p> <p>1. Dignidade. 2. João Paulo II. 3. Amor.. I. Gonçalves, Paulo Sérgio. II. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais. Faculdade de Teologia . III. Título.</p>
-------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, JURÍDICAS E SOCIAIS
FACULDADE DE TEOLOGIA
LUCAS JOSÉ LEME

A DIGNIDADE HUMANA E SUAS IMPLICAÇÕES ÉTICAS E SOCIAIS À LUZ DE
JOÃO PAULO II

Trabalho aprovado em 27 de 06 de
2024 para comissão examinadora:



Prof. Dr. Pe. Paulo Sérgio Lopes
Gonçalves
Orientador e avaliador.
Pontifícia Universidade Católica de
Campinas

CAMPINAS

2024

AGRADECIMENTOS

Para a realização desse trabalho, gostaria de agradecer a muitas pessoas que colaboraram de forma direta e indireta. Assim, expresso a minha gratidão:

a Deus, em primeiro lugar, pelo dom da minha vida e por me proporcionar momentos que ainda me fortalecem para enfrentar as dificuldades, por sempre me revelar o seu desejo, durante a minha jornada vocacional, que é ser padre. A sua presença me fortalece e demonstra que sou um ser humano em construção e que possuo o desejo de amar a todos;

à minha querida família, especialmente a minha mãe, Joanete, e a minha irmã, Danielle, que sempre estiveram presentes em todos os momentos importantes da minha vida, sempre torcendo e desejando o bem a mim;

à minha Diocese de Bragança Paulista, na pessoa do meu querido bispo, Dom Sérgio Aparecido Colombo, pela sua confiança e, principalmente, pela sua amizade e cuidado, tornando-se exemplo de sacerdócio para a minha vocação; também ao Reitor do Seminário, Padre José Maria da Silva, pela sua proximidade, pelo seu carinho e sua confiança, auxiliando-me no meu processo de formação no seminário;

a meus amigos do seminário, João Gabriel, Matheus Soares e Matheus Augusto, pela contribuição aos bons momentos juntos; também aos meus amigos da faculdade, Emerson Fernandes, Giuliano Saragiotto, Leandro Haynes e Pedro Polewacz, por estarem presentes na minha vida, por conviverem comigo, proporcionando-me carinho e amor.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é apresentar o conceito de dignidade humana de acordo com o pensador João Paulo II, procurando compreender a sua importância para o nosso tempo. Durante a sua vida, João Paulo II contribuiu de várias maneiras para que esse tema fosse pensado e trabalhado para a sociedade. Utilizando-se de suas cartas encíclicas, ele apresenta como a pessoa adquiriu o seu valor e a sua dignidade na criação, tornando consciente que é filho de Deus. Desse modo, o pensador expõe como essa dignidade pode ser encontrada diante de muitas situações do ser humano, como no trabalho, na política, na economia e entre outros. João Paulo II contribuiu, por meio de sua vida e de seus escritos, que todo ser humano acredite que possui o seu valor e que todos necessitem desenvolver essa consciência, trazendo uma missão a todos em suscitar essa mensagem para pessoas que acreditam que a vida não tem significado.

Palavras-chave: Dignidade, Vida Humana, Pessoa, João Paulo II, Encíclica, Amor.

ABSTRACT

The objective of this work is to present the concept of human dignity according to the thinker John Paul II, seeking to understand its importance for our time. Throughout his life, John Paul II contributed in various ways to ensure this topic was considered and addressed by society. Using his encyclical letters, he demonstrates how a person acquires their value and dignity in creation, making them aware that they are a child of God. In this way, the thinker explains how this dignity can be found in many human situations, such as in work, politics, the economy, and others. John Paul II, through his life and writings, promotes the belief that every human being has inherent value and that everyone needs to develop this awareness, bringing a mission to spread this message to people who believe that life has no meaning.

Keywords: Dignity, Human Life, Person, John Paul II, Encyclical, Love.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1 DIGNIDADE HUMANA EM JOÃO PAULO II, À LUZ DA BIOGRAFIA	15
1.1. Introdução	15
1.2. A vida de João Paulo II.....	16
1.3. A missão do pontífice	21
1.4 O valor da vida humana	25
1.5. Conclusão	29
2 A DIGNIDADE HUMANA, UMA REFLEXÃO DO EVANGELIUM VITAE	30
2.1 Introdução	30
2.2 O caminho, a verdade e a vida: a missão de todos.....	31
2.3. A origem e as ameaças à vida humana, por meio da narrativa de Caim e Abel.....	34
2.4. O significado da vida à luz de Jesus Cristo.	38
2.5. A dignidade humana mediante o quinto mandamento: Não matarás!	41
2.6. Conclusão	43
3 A INCIDÊNCIA SOCIAL DA DIGNIDADE	45
3.1 Introdução	45
3.2. A dignidade humana e o trabalho.....	46
3.3. A dignidade humana e a solidariedade global.....	52
3.4. Dignidade humana e a justiça social	56
3.5. Conclusão	59
CONCLUSÃO	61
BIBLIOGRAFIA	67

INTRODUÇÃO

A vida humana é gerada pelas próprias mãos carinhosas do Criador. Com toda a sua vontade e desejo, extraiu no interior do seu coração a intenção de compartilhar todas as suas obras para os seus filhos. Ao surgir d'Ele, ao mesmo tempo, a pessoa humana nasce com a dignidade, na qual, é impossível calcular o seu valor. Nesse sentido, não é possível, por meio da linguagem humana, definir tudo aquilo que o ser humano é, pois isso pertence também a Deus. O homem, imagem e semelhança d'Ele, em seu itinerário, busca alcançá-la. Esse projeto faz parte da revelação, que chega à sua plenitude com Jesus Cristo, imagem perfeita de Deus, que o enviou. Configurado a Ele, o ser humano tem a capacidade de tornar-se conhecedor de si mesmo.

Pelo motivo mencionado acima, todas as pessoas devem ter a consciência de que possuem um valor inesgotável que nasce de Deus. Todos possuem o valor humano e devem defender a vida para que este significado fundamental para o sujeito não se perca na consciência. A dignidade nasce com a pessoa, nesse sentido, tudo que desfavorece a vida e colabora para que o seu significado seja esquecido, é necessário que seja estabelecido novamente, pois, ao se retrair, o ser humano passa a visualizar o mundo sem esperança e sem vida.

Por meio da problemática de que o mundo ainda passa pela consideração da vida, este trabalho pretende apresentar o conceito de dignidade humana advindas da reflexão do Papa João Paulo II, ao utilizar a sua vida, a sua experiência e a sua sabedoria para o valor humano, para defender a dignidade humana como um princípio primordial e ao destacar que todos possuem um valor inestimável.

Além de apresentar a vida do autor como modelo de superação e de defesa da vida, este trabalho apresenta algumas obras do magistério de João Paulo II, ao expor o seu pensamento sobre a dignidade humana. Durante o seu pontificado, João Paulo II publicou várias obras, sempre voltadas para a vida humana, deixando bem claro que a Igreja defende essa vida e os direitos que ela possui.

Ao utilizar suas obras para explanar sobre o tema, este trabalho motiva a fazer uma reflexão da vida na perspectiva do papa para os dias atuais. Ao fazer uso dessas publicações, é possível analisar e compreender os conceitos teológicos sobre o valor inerente de cada pessoa, desencadeando novamente a dignidade humana.

Além disso, o trabalho propõe o conceito de dignidade humana, não somente nas cartas encíclicas feitas por João Paulo II, mas utilizando, principalmente, o modelo maior da vida de Jesus, disponíveis nas cartas encíclicas baseadas na Sagrada Escritura. Os escritos do Santo Padre são fundamentais para o desenvolvimento desse trabalho, pois apresentam uma grande reflexão da perspectiva de João Paulo II sobre a dignidade humana. Nesse sentido, ele ressalta nas suas obras que o dom de Deus, o qual é a vida, dado ao ser humano, não deve ser esquecido.

O fundamento desse estudo teve como uma admiração pessoal da vida e da obra de João Paulo II, um líder da Igreja Católica, que contribuiu de modo significativo ao conceito de dignidade humana e o direito inerente a ela. Durante duas décadas de seu pontificado, apresentou de várias maneiras como todas as pessoas devem agir em defesa da vida humana, deixando claro que todos têm o dever de defender a pessoa humana.

Como filósofo e teólogo, João Paulo II concentrou-se profundamente em ser defensor da humanidade, destacando que todos são filhos do mesmo Pai e, por isso, possuem o valor intrínseco de ser merecedor de respeito e de valor. Entretanto, a realidade dos dias atuais leva a crer que a dignidade humana não existe, pois há uma perda do seu significado, tornando o mundo gradualmente obscurecido, prevalecendo a indiferença e a superficialidade dentro da sociedade.

Analisar a vida e os ensinamentos de João Paulo II é fazer uma reflexão sobre a natureza humana e o seu valor inerente, que não pode ser modificado, contribuindo para a teologia e para a espiritualidade. O papa vivenciou momentos difíceis ao longo de sua vida, como, por exemplo, o momento da ocupação nazista na Polônia, a implantação do regime comunista, a tentativa de assassinato e outros mais, que proporcionaram caminhos mais humanos no seu conceito de dignidade humana e do seu valor.

Além disso, João Paulo II faz consideração à vida humana, lembrando que cada ser humano, independentemente de como seja - cor, raça, cultura e posição social - não interfere na sua dignidade nem no seu valor. Toda pessoa nasce com a dignidade, pois faz parte da sua natureza criada à imagem e semelhança de Deus. Desse modo, não existe privilégio reservado apenas a alguns, mas um direito importante para todas as pessoas.

Nesse sentido, João Paulo II desvenda várias dimensões da dignidade humana, principalmente na sua sacralidade, desde o momento no qual foi criado por

Deus até o seu fim natural, expondo a importância de respeitar todas as fases de vida que o ser humano possui. Além disso, ressalta a importância de promover a justiça social e a solidariedade pelos direitos e deveres da pessoa, mostrando pilares fundamentais para a promoção e preservação da dignidade do indivíduo e da sociedade por inteiro.

Diante disso, há notória relevância em algumas cartas encíclicas sociais que João Paulo II trabalhou para expor essa reflexão: *Redemptor Hominis*, *Evangelium Vitae*, *Laborem Exercens*, *Sollicitudo Rei Socialis* e *Centesimus Annus*. Nessas obras destacam-se a dignidade humana de acordo com o Evangelho, o qual é o principal modelo de vida de Jesus Cristo, que foi o maior defensor da vida; a primazia do trabalho sobre o capital; a cultura da solidariedade; a existência de uma globalização humanizada.

Este trabalho está estruturado em três capítulos: O conceito de dignidade humana á luz da biografia de João Paulo II; O conceito de dignidade humana como componente do Evangelho da Vida; A incidência social da dignidade humana. Estes capítulos têm a intenção de explorar o processo do conceito de dignidade humana a partir da vida de João Paulo II e suas reflexões. Além disso, há o intuito de fazer uma reflexão da importância da vida humana para os dias atuais, de uma maneira que ajude as pessoas a restabelecerem o significado da dignidade humana.

No primeiro capítulo dessa pesquisa, há a introdução da biografia do pensador. João Paulo II, conhecido pelo seu nome Karol Józef Wojtyła, nasceu em 18 de maio de 1920, em Wadowice, Polônia. Desde pequeno, teve a sua infância com vários tormentos, pois perdeu o seu irmão e a sua mãe. Assim, criou um laço muito forte com o pai, colocando-o para si como exemplo de pessoa, pois demonstrava a importância da justiça e da dignidade.

João Paulo II foi um homem muito estudioso, buscando sempre conhecer as coisas do mundo. Entretanto, mais velho, essa busca foi interrompida devido à invasão alemã e da ocupação nazista. Assim, presenciou de perto como a dignidade humana e o seu valor foram se perdendo, vivenciando uma história que marcou o mundo e experimentando a dor e o sofrimento. Além de viver esse terror, o seu pai faleceu com 61 anos, deixando-o como último integrante da família.

Entretanto, mesmo com tantas dificuldades que estava presenciando, teve coragem de entrar no seminário, pois havia um desejo de se tornar padre. Após o fim da Segunda Guerra Mundial e da rendição dos nazistas, foi ordenado presbítero. Em

seguida, pela sua potencialidade nos estudos, decidiu investir na formação teológica, fazendo mestrado e doutorado.

Após realizar os seus estudos, João Paulo II foi nomeado bispo, contribuindo ainda mais para a Igreja, participando do Concílio Vaticano II; inclusive, foi secretário da assembleia sinodal de 1974. Em seguida, tornou-se Cardeal, participando pela primeira vez de um conclave, escolhendo João Paulo I, seu antecessor, como o papa da Igreja Católica. Contudo, o seu pontificado durou somente 33 dias, colocando em seu lugar, escolhido entre os cardeais, João Paulo II, o novo papa para a Igreja.

Durante o seu pontificado, demonstrou serviço à Igreja, sempre defendendo a vida humana e a sua dignidade. O papa recuperava a imagem do homem no mundo, ao apresentar que todos possuem o seu valor e que merecem os seus direitos. Além disso, trazia a imagem de Deus com demonstrações do seu amor e do seu carinho para restituir ao povo a sua liberdade e a construção do amor fraterno.

Desse modo, a missão de João Paulo II era trazer o valor da vida humana, manifestando uma admiração por ela e buscando compreendê-la; e a resposta para todas as questões sobre a vida humana era em Jesus Cristo. Com isso, fica evidente que a missão da Igreja é direcionar a atenção da pessoa para o mistério da Cruz, restaurando a dignidade humana, que foi se perdendo ao longo do tempo.

No segundo capítulo da pesquisa, apresenta-se “A dignidade humana, uma reflexão do *Evangelium Vitae*, ‘Evangelho da Vida’.” Utilizando-se dessa encíclica, João Paulo II introduz a dignidade humana por meio de uma reflexão mediante o Evangelho, da Sagrada Escritura. Ele revela que Jesus Cristo deve ser o real e maior modelo para a pessoa humana, pois é um exemplo de dignidade, de humildade, de justiça e, principalmente, de amor para com todos.

Jesus é o caminho, a verdade e a vida, lembrando que a sua missão na terra é dar a todas as pessoas a vida em abundância, que se completa com o Pai. Assim, chama os seres humanos a participarem desse ofício, fazendo com que sejam transfigurados e ultrapassados para a realidade celeste, com a ajuda de Deus. Desse modo, o ponto inicial para essa tarefa encontra-se na terra, onde há um processo restaurador do significado humano.

Além disso, o capítulo apresenta a vida humana a partir da teologia da criação, pois a pessoa recebe o dom da existência, tendo a responsabilidade de colaborar no mistério da criação. A finalidade do ser humano é fazer parte do paraíso, tornando-se cada vez maior a sua intimidade e comunhão com Deus. Entretanto, a inveja do diabo

traz a falta de sentido na existência humana, surgindo a indiferença, o preconceito e a morte.

Ademais, o capítulo trata da história de Caim e Abel, compreendendo que a natureza humana não está predestinada para o mal, mas é tentada pela força do pecado e ao se sujeitar à força do mal, perde-se o sentido da missão que Deus confia ao ser humano. Quando não existe um significado de Deus na vida da pessoa, simultaneamente, não há significado nas coisas do mundo e, com isso, perde-se a importância da Criação; além disso, o mistério, a salvação, o projeto, a missão de Jesus, todo o seu sentido desaparece.

Ao final desse capítulo, João Paulo II faz uma referência ao evangelho de Mateus, usando o mandamento que Jesus apresentou: “não matarás”. A vida humana é inviolável, por ser fruto da ação de Deus; assim, o mandamento proíbe a destruição dessa vida, mostra simultaneamente a humanidade e o respeito absoluto pela vida. Não matarás está vinculado com o cuidado da vida por meio do amor e esse amor é respeitar e promover a vida de cada pessoa.

O terceiro e último capítulo da pesquisa, intitulado “A Incidência social da dignidade”, refere-se ao modo da presença do tema da dignidade humana nas questões sociais. Desse modo, são utilizados três encíclicas que colaboram para essa reflexão sobre o valor da vida e dos seus direitos: *Laborem Exercens*, *Sollicitudo Rei Socialis* e *Centesimus Annus*.

João Paulo II, sobre o trabalho, propõe olhar, por meio da pessoa humana, a sua existência, o seu valor e o seu direito perceptível pela realidade do trabalho. A dignidade humana deve ser priorizada nessa dimensão, para que o sujeito não seja interpretado como uma simples engrenagem para a produção. Ele precisa ser visto como um sujeito que possui uma vida inviolável, sabendo que é necessário sobreviver diante de tantas injustiças e tantos problemas políticos e econômicos que o mundo apresenta.

Desse modo, a Igreja possui a missão de promover o valor humano a partir do constante desenvolvimento. Assim, sobre solicitude social, João Paulo II se preocupa com a questão econômica, a diversidade social, o consumo material e a política. Ele acrescenta ainda que a vida deve ser favorecida com atitudes de assistência ao próximo, principalmente para com aqueles que estão passando por necessidades e precisam se desenvolver.

Para concluir, este trabalho tem a intenção de discutir o conceito de dignidade humana no pensamento de João Paulo II, utilizando-se da sua experiência de vida, diante de momentos importantes antes e durante o seu pontificado, utilizando assim, as suas obras que auxiliam e aprofundam sobre esse tema de extrema relevância para os dias atuais.

Convém salientar ainda que a dignidade humana precisa ser desenvolvida novamente para todas as pessoas, para trazer a compreensão de que existe um valor de alto grau de importância na vida humana e que essa vida necessita ser defendida e proclamada. Ao trazer o Evangelho, o respeito e o amor nos corações humanos, nasce a presença restauradora de Deus, que coloca em cada ser um olhar mais profundo na pessoa, visando que estamos na mesma família, na mesma comunidade, pois nascemos do mesmo Pai. Por isso, João Paulo II contribui para o desenvolvimento humano de maneira amorosa e solidária, trazendo a dignidade humana.

1 DIGNIDADE HUMANA EM JOÃO PAULO II, À LUZ DA BIOGRAFIA

1.1 Introdução

O primeiro capítulo da pesquisa, intitulado como “Dignidade humana em João Paulo II, à luz da biografia”, apresenta primeiramente a vida de Karol Wojtyła, conhecido também como Papa João Paulo II. Em seguida, expõe a sua primeira carta encíclica “Redemptor Hominis” em que argumenta a imagem de Jesus Cristo diante da humanidade, na qual, a missão da Igreja é estender a mensagem de redenção para o mundo, ao mesmo tempo, promovendo a dignidade humana.

O objetivo deste capítulo é conhecer, primeiramente, a vida do pensador João Paulo II. Ao vivenciar muitas experiências, João Paulo II presenciou situações que auxiliaram na compreensão humana e no seu valor. Guerras, ocupação nazista, conflitos, terror, várias perdas que complementaram como a vida humana é importante e como Deus foi transformando tudo isso para um chamado, para que ele se tornasse um defensor da pessoa humana.

Além de apresentar a sua vida, o objetivo é também explorar o seu pontificado. João Paulo II, ao ser escolhido para ser papa da Igreja Católica, apresentou de várias maneiras nas suas homilias, encíclicas e obras posicionamentos para explorar esse tema relevante para os dias atuais, que é o conceito de dignidade humana, o seu direito e o seu valor.

Ademais, o trabalho pretende apresentar, por meio da carta encíclica “Redemptor Hominis”, Jesus Cristo, que, para a fé cristã, é modelo para ser seguido por todo ser humano. Desse modo, potencializa o conceito de Dignidade humana, pois cada indivíduo é criado por um único Deus, tendo a sua imagem e semelhança. Assim, cria-se uma responsabilidade do cuidado com o próximo, pois todos pertencem ao mesmo Criador.

Com base nisso, portanto, ao utilizar a biografia de João Paulo II, observa-se como foi construindo o conceito de dignidade humana, diante de suas experiências em várias realidades de sua vida. Além disso, durante o seu pontificado, é perceptível como foi trabalhado essa concepção por meio de seus posicionamentos, suas palavras e na sua entrega para que o Evangelho pudesse chegar para todas as pessoas. Assim, observa-se que, para ele, existe uma importância da vida humana, trazendo que, a partir de Jesus Cristo, se encontra a dignidade humana.

1.2 A vida de João Paulo II

Karol Józef Wojtyła nasceu em 18 de maio de 1920, na cidade de Wadowice, Polônia. Seu pai, que também se chamava Karol, tinha 41 anos de idade e exercia o serviço militar. Sua mãe, Emilia Kaczorowska, tinha 36 anos, na mesma época, e o seu irmão Edmundo, tinha 14 anos de idade. Antes do nascimento do futuro papa, sua mãe tivera uma menina que, lamentavelmente, faleceu quando era criança, e Karol Józef Wojtyła tornou-se o terceiro e último filho do casal. Em seu batismo na Igreja próxima ao apartamento onde sua família residia, recebeu dois nomes, que era uma prática comum na Europa. Além do nome do pai, adicionou “Józef” como homenagem a um soldado que lutou pela liberdade da Polônia.

Após o seu nascimento, sua mãe, Emília, passou a viver com dificuldades de saúde, levando-a à morte em 13 de abril de 1929, em sua própria residência, devido a uma condição cardíaca que a acometeu aos 45 anos de idade. Esse evento desolador, no entanto, gerou uma proximidade mais profunda entre o pai e o filho, deixando o pai com grande tristeza pela perda da esposa e, ao mesmo tempo, aproximando-o com carinho às crianças. (Anderson, C; Bogle, J, 2014).

O pai tornou-se um exemplo para seus filhos, incentivou-os fortemente aos estudos e à espiritualidade, deixando uma profunda memória para o jovem Karol Wojtyła. Natural de Liesko Biala, próximo de Wadowice, ele seguiu os passos de seus pais como alfaiate, decidindo posteriormente ingressar no exército Austro-Húngaro. Entretanto, ao longo de sua vida, apresentou alguns problemas de saúde, levando-o a se afastar em 1927.

Uma triste notícia ocorreu em 1932, quando o primeiro filho dos pais do jovem Karol Wojtyła, Edmundo, faleceu aos 26 anos de escarlatina, uma doença infecciosa causada por uma bactéria. Ele estava trabalhando como médico no hospital, cuidando de um jovem doente com essa enfermidade, e, por isso, acabou sendo contaminado.

O pai era uma figura respeitada na cidade, que demonstrava seriedade e honestidade a todos, transmitindo aos filhos a importância da justiça, principalmente relacionada ao próximo e à dignidade. Karol Wojtyła cresceu em um ambiente protetor e amoroso, compreendendo, a partir de seu pai, a importância e o valor de respeitar as pessoas, pois nelas existia um valor.

Quando Karol Wojtyła completou 18 anos, ele e seu pai mudaram-se para Cracóvia para iniciar seus estudos em filologia na Universidade Jaguelônica. Ao

mesmo tempo, dedicou-se ao estudo de várias línguas, pois possuía uma facilidade para estudá-las como forma de compreender o mundo. Ao se mudarem para Debnik, distrito da cidade de Cracóvia, encontraram um apartamento perto da universidade, porém com condições precárias.

Os estudos de Karol Wojtyla foram interrompidos devido à invasão alemã e à ocupação. Nesse período, foi obrigado a interromper sua formação acadêmica para trabalhar em uma pedreira e uma fábrica, para que pudesse sustentar a si mesmo e ao seu pai. A guerra foi um período desafiador que despertou empatia pelas lutas do povo, moldando a sua visão para a dignidade e o direito à vida das pessoas. Vivenciando uma história que marcou o mundo, Karol Wojtyla experienciou a dor, a morte e a busca de justiça de perto.

Enquanto ele trabalhava, o seu pai permanecia no apartamento que era úmido e escuro, dificultando cada vez mais o seu reumatismo. Em 1941, o seu pai faleceu, aos 61 anos, devido a um ataque cardíaco, trazendo novamente um momento de profunda dor. Aos 25 anos, Karol Wojtyla, chorava todas as noites pela perda de seu pai, deixando-o sozinho como último integrante da família. Isso foi um fato que o levou a refletir sobre a sua vida.

Depois da morte do meu pai, percebi o meu verdadeiro caminho. Estava trabalhando em uma fábrica e dedicando-me, na medida em que os horrores da ocupação permitiam, ao meu gosto pela literatura e pelo teatro. Minha vocação sacerdotal surgiu no meio disso tudo. Eu sabia que estava sendo chamado com uma clareza absoluta (Anderson, C; Bogle, J, 2014, p 21).

Durante a forte ocupação nazista em 1942, Karol Wojtyla começou a refletir sobre o que deseja em sua vida, em sua vocação. Apesar de ter encontrado um desejo de entregar a sua vida ao teatro, percebeu que aquilo não lhe dava tanto prazer. Por meio de uma conversa com um amigo que era padre e seu confessor, ele discerniu que entregaria sua vida por meio do sacerdócio, desejando vivenciar o caminho de entrega a Cristo e a todas as pessoas.

No mesmo ano, após a sua conversa com o arcebispo de Cracóvia, Dom Adam Stefan Sapieha, ingressou clandestinamente no seminário, pois a Igreja Católica estava sendo perseguida pela ocupação nazista, proibindo a formação religiosa. Assim, deixou o seu trabalho na pedreira, mas continuou na fábrica de produtos químicos em Solvay, pois esse serviço era menos exaustivo, proporcionando-lhe oportunidade e momentos para estudar. Como seminarista, experimentou as atitudes

contrárias daqueles que ousaram desafiar os regimes ditatoriais, especialmente os nazistas que estavam a serviço da morte e não da vida (Sciadini, 2011).

Os seminaristas participavam das aulas pela manhã, pela tarde voltavam para os trabalhos e à noite para suas casas. Contudo, o seminário enfrentava diversos problemas, um deles era o risco de ser descoberto, criando um grande risco para os futuros padres, arcebispo e a igreja. O arcebispo decidiu que todos os seus seminaristas morassem juntos em sua residência episcopal, deixando os seus alunos com segurança e tranquilidade. Diariamente, o seu amigo, Jerzy Zachuta, outro seminarista clandestino, participava das missas celebradas pelo arcebispo. Porém, Karol Wojtyła deparou-se com sua ausência e recebeu a notícia de que Jerzy fora capturado pelos policiais e levado para o campo de concentração.

Karol Wojtyła sempre foi apaixonado pelos estudos e os professores ficavam admirados pela sua perseverança. Passava grande parte do tempo estudando, pois possuía uma boa capacidade cognitiva e ajudava os seus colegas com as atividades acadêmicas. Durante este tempo, eram enviados às paróquias, disfarçando-se de padres, para vivenciar de perto a vida sacerdotal e a tristeza que a guerra trazia e culminava em levar as pessoas a buscarem a igreja para se consolar.

Em 1945, houve um momento importante na história, porque chegou o fim da Segunda Guerra Mundial e a conseqüente rendição dos nazistas. Diversas instituições foram retomadas, principalmente os seminários que foram atormentados pela violência ocorrida durante a guerra. Karol Wojtyła retorna para a faculdade de Jaguelônica, na realidade pós-guerra, para terminar os seus estudos em teologia. Ele, diante desse horror da guerra, mesmo assim não desistiu de sua vocação e continuou desejando seguir a fé da Igreja Católica.

No dia 1º de novembro de 1946, Karol Wojtyła viveu um dos momentos mais importantes da sua vida ao ser ordenado presbítero pelo Cardeal Sapieha, realizado na capela pessoal do bispo. Segundo ele, foi uma experiência que marcou profundamente seu sacerdócio; esse importante momento culminou com a primeira missa na cripta de São Lourenço, localizada na catedral de Wawel, dedicada às pessoas queridas que haviam partido e a todos que sofreram naquela crueldade humana da guerra.

Karol Wojtyła era reconhecido pela sua potencialidade nos estudos e destacava-se no meio dos seminaristas. O Cardeal Sapieha sugeriu que ele continuasse nessa vida universitária, investindo na formação teológica, intelectual e

espiritual, pedindo a ele para estudar em Roma. Movido por esse desejo e com o apoio de seu bispo, Karol Wojtyla escolheu empreender seus estudos na Pontifícia Universidade de Santo Tomás de Aquino, também conhecida como Angelicum em Roma, em 15 de novembro. Karol Wojtyla, fez a sua tese de doutorado em teologia sobre a fé em São João da Cruz.

Não foi um caminho fácil, porque a visão de São João da Cruz que tinha o jovem estudante Karol Wojtyla era diferente daquela que tinha o grande teólogo dominicano Garrigou. Para Garrigou, João da Cruz é um teólogo especulativo, sua doutrina deve estar em sintonia com a doutrina da Igreja e de Santo Tomás de Aquino. Para Karol, João da Cruz é um místico, alguém que tendo tido uma profunda experiência de Deus a comunicar aos outros sem se preocupar com categorias teológicas (Sciadini, 2011, p 37).

Naquele tempo, o Papa Pio XII já estava enfermo há tempos, e em 4 de julho de 1958, Karol Wojtyla foi nomeado bispo auxiliar de Cracóvia. O Cardeal Wyszynski, com dificuldade, buscou-o para dar a notícia, pois ele estava junto com os jovens nas montanhas. Vemos que a escolha de Karol Wojtyla foi dedicar-se com as suas forças aos jovens, proporcionando formação espiritual, humana e cívica aos poloneses, “Os jovens são o futuro, a esperança” (Sciadini, 2011, p 38). Quando recebeu a grande notícia, foi se encontrar com o Cardeal Primaz e pediu para que lesse o mandato apostólico, na qual o Santo Padre o nomeou bispo auxiliar.

Como bispo, Dom Wojtyla foi chamado a participar do Concílio Vaticano II, em que obteve a oportunidade de vivenciar mais a Igreja e observar que a essa Igreja era maior do que a Polônia. Deu uma grande contribuição na elaboração da constituição *Gaudium et Spes*.

Trabalhando no Concílio pela regeneração da Igreja, ouvimos que era preciso voltar-nos diretamente ao Senhor, de quem a Igreja é o corpo místico. [...] Estaria enganado aquele que considerasse a realização do Vaticano II de qualquer outro modo que não fosse a resposta da fé à palavra do Senhor (Gaeta, 2011, p 62).

O bispo dedicou-se intensamente a muitos estudos, tanto na área filosófica quanto na catequética. Muitos jovens o procuravam para levar questões sobre a vida e a existência e sobre os problemas e suas soluções, principalmente no mundo do trabalho. Desse modo, ao enxergar e vivenciar os problemas que surgiam na vida

deles, nasceu, a partir de um estudo, o livro “Amor e Responsabilidade”¹. Além desse, surgiu também o livro “Pessoa e Ato”², no qual, os marxistas contestaram, pois havia a polêmica do pensamento marxista com a religião e com a Igreja. Contudo, esta obra não nasceu na polêmica com o marxismo, mas pelo interesse pela pessoa humana que já estava em sua mente há um longo tempo. “Sempre me interessou mais o homem; quando eu estudava na Faculdade de Letras, me interessava enquanto artífice da língua e objeto da literatura; a seguir, quando descobri a vocação sacerdotal, comecei a ocupar-me dele como tema central da atividade pastoral” (Gaeta, 2011, p 71).

Em 1964, tornou-se arcebispo de Cracóvia. Três anos mais tarde, foi eleito Cardeal da Igreja Católica e participou mais profundamente do período da elaboração do Concílio Vaticano II. Como Cardeal, Karol Wojtyla trouxe um exemplo singular na vida da Polônia comunista; ele não ficou parado, tornou-se uma figura de presença incômoda para os comunistas, que, na verdade, queriam se ver livres daquele eclesiástico que se opunha ao governo totalitário vigente.

Como os comunistas fecharam todas as associações católicas para a juventude, era preciso encontrar uma forma alternativa, então o Cardeal Karol Wojtyla, que era muito ligado ao movimento do Padre Franciszek Blachnick, promotor desse movimento, defendeu a construção de igrejas, indo contra as autoridades comunistas, para que todas as pessoas pudessem manifestar a sua fé, além de sustentar materialmente e participar dos encontros do movimento.

No dia 6 de agosto de 1978, Papa Paulo VI faleceu. O Cardeal Karol Wojtyla participou pela primeira vez de um conclave, na qual, escolheram como Papa da Igreja Católica Albino Luciani, com o nome Papa João Paulo I. Muitos ficaram contentes com a nomeação, devido a sua personalidade humana, pastoral, episcopal e papal. Seu rosto demonstrava sempre um sorriso, um olhar confiante e aberto. Contudo, o mundo tomou um susto ao saber de sua morte repentina, no dia 28 de setembro do mesmo ano (Gaeta, 2011).

O Cardeal Karol Wojtyla retorna a Roma, para novamente discutir e decidir quem receberá a função mais importante da Igreja. Entre eles, precisavam escolher

¹ Este livro trata sobre o amor, a castidade, o matrimônio, a procriação e a família explicando qual é o sentido de tudo isso na vida da pessoa.

² O livro “Pessoa e ação” se trata de um estudo antropológico de Karol Wojtyla, onde apresenta o conceito de pessoa e a sua ação, como o modo de demonstrar a consciência de seus atos.

um homem com boas condições físicas e espirituais para conseguir enfrentar as dificuldades dessa grande missão. Desse modo, o nome do Cardeal foi escolhido entre o Sagrado Colégio.

No dia 16 de outubro de 1978, na Capela Sistina, Karol Wojtyla foi escolhido entre os cardeais para ser o novo Papa da Igreja Católica, para ocupar o trono de Pedro. Ele foi o primeiro papa polonês a ser escolhido e, também, mais jovem, uma vez que italianos vinham sendo acolhidos desde 1522. Desse modo, a Polônia estava vivendo um momento de tamanha felicidade. Uma pessoa que perdeu toda a sua família, que experimentou a dor e a tristeza com o regime dos nazistas, que vivenciou o final da Segunda Guerra Mundial, a Polônia sob o regime comunista, tornou-se agora Papa, sucessor de Pedro.

Karol Wojtyla escolheu o nome de João Paulo II, em homenagem a seu predecessor.

Escolhi os mesmos nomes que havia escolhido o meu amadíssimo Predecessor João Paulo I. Efectivamente, quando a 26 de agosto de 1978 ele declarou ao Sacro Colégio (dos Cardeais) que queria ser chamado João Paulo — um binómio deste género não tinha antecedentes na história do Papado — já então reconheci nisso um eloquente bom auspício da graça sobre o novo Pontificado. E dado que esse Pontificado durou apenas trinta e três dias, cabe-me a mim não somente continuá-lo, mas, de certo modo, retomá-lo desse mesmo ponto de partida (João Paulo II, 1979, p 5).

No Vaticano, a Praça de São Pedro encontrava-se repleta de pessoas, predominantemente italianas, ao descobrirem que o novo papa não havia nascido na Itália.

1.3 A missão do pontífice

Nos seus primeiros dias de pontificado, João Paulo II dedicou-se a preparar o primeiro discurso diante de muitas pessoas que estavam presentes e que estavam sendo televisionadas. O mundo todo estava atento para conhecer o novo sucessor de Pedro. Com as suas palavras, incentivava as pessoas a terem coragem de caminhar para frente, por meio do amor, na certeza de que são filhos amados do Pai, (Sciadini, 2011, p 50); mas esse caminho não deve ser percorrido sozinho. João Paulo II pediu para que caminhassem todos juntos, com a Igreja, pedindo que o ajudassem todos aqueles que querem seguir a Cristo.

Rezai por mim, para que eu seja capaz de nos servir. O cristão poderá ser despojado de tantas coisas, da sua liberdade de ir e vir, da sua casa, da sua terra, da sua pátria, mas nunca e ninguém conseguirá despejá-lo da sua fé em Cristo, da sua esperança (Sciadini, 2011, p 5).

No dia 22 de dezembro de 1978, João Paulo II surpreendeu os cardeais ao desejar visitar o México para participar da terceira Conferência do Episcopado da América Latina, em Puebla. Normalmente, não consultava sempre, o que devia ser feito fazia, somente comunicava a sua intenção e o seu projeto. João Paulo II queria se reunir com toda a América Latina para demonstrar o amor por este povo, para dar uma motivação e reafirmar a opção pelos pobres.

Apesar de muitas contradições de sua vontade, no dia 26 de janeiro de 1979, João Paulo II foi ao México. Seu desejo era mostrar que o seu serviço à Igreja não tem fronteiras, para mostrar que todos são irmãos e irmãs. Diante de todos os sofrimentos da vida, o Deus universal se revelava de forma amorosa, que deve ser a voz daqueles que não possuem voz. O papa quis recuperar a imagem do homem no mundo, apresentando que todos têm a sua dignidade e o seu valor. As pessoas tiveram oportunidade de falar o queriam. Estavam presentes: operários, camponeses, índios e os pobres.

No dia 4 de março, João Paulo II publicou a sua primeira carta encíclica, *Redemptor Hominis*³, que foi oficialmente publicada para o público em 15 de março. Segundo ele, tudo que existe dentro desta obra, foi originado por meio de sua experiência na Polônia.

Procurei exprimir nela tudo aquilo que animou e anima continuamente os meus pensamentos e o meu coração, desde o início do pontificado que, por desígnio imperscrutável da Providência, tive de assumir no dia 16 de outubro do ano passado. A encíclica contém os pensamentos que na época, o início deste novo caminho, surgiam com uma força particular no meu ânimo, e que, sem dúvida, já anteriormente, haviam amadurecido em mim, durante os anos do meu serviço sacerdotal, primeiro, e episcopal, depois. Portanto, da mesma forma que vejo e sinto a relação entre o mistério da relação em Cristo Jesus e a dignidade do homem, gostaria muito de unir a missão da Igreja com o serviço ao homem, neste impenetrável mistério. Vejo nisso a tarefa central do meu novo serviço eclesial (Gaeta, 2011, p 147).

³ Hedemptor Hominis é um documento que apresenta alguns elementos da sua primeira homília como Papa, na qual, revela os problemas contemporâneos do homem e uma compreensão mais profunda da pessoa humana, se tornando a primeira carta encíclica no campo da antropologia teológica.

No dia 13 de maio de 1981, numa quarta-feira, João Paulo II foi alvo de um atentado a tiros pelo turco Ali Agca, enquanto circulava na Praça de São Pedro em um carro aberto, com muitas pessoas presentes. Mesmo com a intenção de privá-lo da vida, a bala não lesionou nenhum órgão, somente ultrapassou o abdômen. Imediatamente, foi internado no Hospital Policlínico Gemelli, em Roma. A cirurgia durou aproximadamente cinco horas, enquanto o mundo rezava por sua recuperação. Após alguns dias, pediu orações pelas pessoas que ficaram feridas juntamente com ele. Além disso, perdoou o irmão que cometeu o crime.

O pontificado de João Paulo II ficou marcado, também, pelo carinho e amor pelos jovens. Antes de se tornar Papa da Igreja Católica, preservava uma grande proximidade com eles, atingindo em seus corações o seu modo de ser. Conquanto, diante desse importante serviço à Igreja, buscou oportunidades de encontrá-los. Em seu cronograma, criou um encontro especial: Jornada Mundial da Juventude. (Sciadini, 2011).

Era um momento muito marcante para os jovens, pois havia festa, oração e música. De dois em dois anos, encontrava-se com alegria, trazendo paz e coragem para eles, elegendo uma cidade em qualquer lugar do mundo, ouvindo atentamente os medos, as angústias e os desejos. Com grande simplicidade, João Paulo II soube compreender os desafios que são apresentados e encontrados nos jovens, colocando confiança neles, pedindo para que tenham coragem ao anunciar o Evangelho e serem construtores da paz e do amor. O Papa manifestava com grande humildade nas suas viagens apostólicas a escuta e o acolhimento.

Papa Bento XVI, demonstrava isso durante a Jornada Mundial da Juventude em agosto de 2005, na cidade de Colônia:

Hoje compete a mim receber esta extraordinária herança espiritual que o papa João Paulo II nos deixou. Ele vos amou, vós o compreendestes e retribuístes com a espontaneidade da vossa idade. Agora, todos juntos, temos a tarefa de pôr em prática os seus ensinamentos com o meu grande e amado predecessor João Paulo II, que teve essa intuição, esta inspiração das Jornadas Mundiais da Juventude e que, deste modo, não criou somente uma ocasião de extraordinário significado religioso e eclesial, mas também humano, que impele os homens para além das fronteiras recíprocas e contribui para edificar um futuro comum (Araújo, 2011, p 68).

João Paulo II era conhecido como o “peregrino do mundo”, pois viajava com frequência para encontrar pessoas e renová-las na fé. Ele encontrou mais de 1.512.300 peregrinos em 387.100 audiências gerais realizadas às quartas-feiras; foi o

primeiro papa a fazer mais viagem do que os seus antecessores juntos (263); dessas, foram 104 viagens internacionais, 146 na Itália, 129 nações, 617 cidades, fora da Itália, e 259 na Itália e 301 das 332 paróquias da sua diocese. Mais de um milhão e meio de quilômetros percorridos nas suas viagens. Foram 738 audiências com chefes de estado, 231 Cardeais nomeados, 147 cerimônias de beatificação proclamando 1.338 beatos, 51 cerimônias de canonização, proclamando 482. João Paulo deixou 14 encíclicas, 15 exortações apostólicas, 11 constituições apostólicas, 45 cartas apostólicas. (Araújo, 2011)

Diante desses números, percebemos que a jornada do Santo Padre na Igreja foi marcada por trabalhos mostrando que a Igreja não se restringe somente à Roma, mas ao mundo. Não perdia nenhuma oportunidade de anunciar a Boa-Nova, sempre com desejo grande de mostrar a todos, o valor humano e a dignidade. Um homem com tantas experiências na vida, com trabalhos, esforços, doou totalmente a sua vida para viver o amor de Deus e testemunhá-lo.

Após o atentado de 13 de maio de 1981, a saúde de João Paulo II não seria mais a mesma. A sua saúde foi se deteriorando dia após dia. Durante a sua trajetória, caiu algumas vezes, na sala de bênçãos, no banho, fraturando o fêmur, durante a mensagem *Urbi et orbi*⁴. De tantos acidentes, aos 74 anos, teve uma triste notícia, descobriu que sofria de Mal de Parkinson⁵, doença que o levou à morte em 2 de abril de 2005. A sua vida diante da doença deixava-o mais fragilizado, tendo tremor constante de sua mão esquerda, coluna curvada, olhar ausente.

Contudo, não desistia de trabalhar e viver para a Igreja, mesmo com tanto sofrimento. Uma vez perguntaram a ele se pensava em encerrar seu pontificado antes de morrer, e ele respondeu

Os doentes, os idosos, os incapazes e os agonizantes nos ensinam que a fraqueza é uma parte criativa da vida humana, e que o sofrimento pode ser abraçado sem nenhuma perda de dignidade. Sem a presença dessas pessoas em nosso meio, poderíamos ser tentados a julgar a saúde, a força e o poder como únicos valores importantes a serem perseguidos na vida. Porém a sabedoria de Cristo e seu poder devem ser vistos na fraqueza daqueles que partilham seus sofrimentos (Sciadini, 2011, p 88).

⁴ Significa À cidade de Roma ao mundo. É uma bênção dada pelo Papa na praça de São Pedro, principalmente nos tempos de Páscoa e Natal.

⁵ Doença degenerativa do cérebro.

No dia 2 de abril de 2005, às 21h37, aos 84 anos de idade, Papa João Paulo II faleceu, completando sua missão de pastor universal. O mundo inteiro voltou-se para Roma; o Vaticano acolheu inúmeras pessoas de todos os cantos do mundo. A morte do Papa tornou-se um dos marcantes acontecimentos religiosos da história, pois teve a presença de líderes políticos mundiais de 150 países, de representantes de tantas religiões e mais de trezentos mil fiéis na cerimônia fúnebre. A beatificação do Papa João Paulo II aconteceu no dia 1º de maio de 2011, Dia da Divina Misericórdia, missa presidida pelo seu sucessor, Papa Bento XVI.

1.4 O valor da vida humana

Papa João Paulo II sempre manifestou uma admiração pela vida humana, buscando compreendê-la profundamente. Em suas falas, muitas vezes realçava o grande valor pela pessoa humana, deixando claro o sentido da vida por meio da experiência do Evangelho, que é o próprio amor de Deus. O amor traz o sentido à vida revelando a humanidade de cada indivíduo (João Paulo II, 1979).

O Cristo é a própria resposta desse valor humano, reintroduzindo para a dimensão de grandeza e dignidade de sua humanidade. Não é possível compreender a si mesmo buscando pelas coisas superficiais, mas somente em Jesus. Esta é a missão da Igreja, de direcionar a atenção da pessoa para o mistério da Cruz, tocando no coração e na consciência, na qual João Paulo II apresenta, restaurando a dignidade humana que foi perdida por causa do pecado.

A Igreja tem um ofício fundamental na humanidade, que direciona a todos a encontrarem o Cristo, promovendo uma grande união. Jesus é a única direção que temos para encontrar a nossa dignidade, “Eu sou o caminho a verdade e a vida” (Jo 14, 6). É a própria Igreja que defende a vida humana, trazendo a seu grande valor, tornando-se uma voz que enfrenta todas as dificuldades do homem. Ela, além de se preocupar com a espiritualidade, também abrange todos os aspectos da vida humana.

João Paulo II, diante do Concílio Vaticano II, empenhou-se em destacar a importância da Igreja, como fonte de vida humana no mundo, buscando torná-la a matriz da dignidade humana. Portanto, trata-se do homem em toda a sua verdade. De acordo com suas palavras:

(...) trata-se do homem em toda a sua verdade, com a sua plena dimensão. Não se trata do homem “abstrato”, mas sim real: do homem “concreto”, “histórico”. Trata-se de cada homem, porque todos e cada um foram compreendidos no mistério da Redenção, e com todos e cada um Cristo se uniu, para sempre, através deste mistério. Todo o homem vem ao mundo concebido no seio materno e nasce da própria mãe, e é precisamente por motivo do mistério da Redenção que ele é confiado à solicitude da Igreja. Tal solicitude diz respeito ao homem todo, inteiro, e está centrada sobre ele de modo absolutamente particular. O objeto destes cuidados da Igreja é o homem na sua única e singular realidade humana, na qual permanece intacta a imagem e semelhança com o próprio Deus. O Concílio indica isto precisamente, quando, ao falar de tal semelhança recorda que o homem é a única criatura sobre a terra a ser querida por Deus por si mesma. (João Paulo II, 1979, p 39)

Cada ser humano possui a liberdade de viver a sua vida da forma que desejar. Mesmo inclinado para o pecado, consecutivamente se volta para a verdade, para o bem, para a justiça e para o amor. Em seu interior, a pessoa enfrenta conflitos, pois percebe que é um sujeito limitado, com dificuldades e problemas, mas simultaneamente, percebe-se como um ser que busca a verdade, seus desejos, uma vida superior. Ele depara-se em situações de escolha, de decisão, direcionado a caminhos bons ou maus.

Contudo, a pessoa é a própria via da Igreja porque todos são chamados a estar nessa comunhão. João Paulo II enfatiza que a Igreja deve ser uma sentinela, conhecendo o mundo atual, suas evoluções, transformações e ameaças que surgem contra a dignidade da vida humana. Uma dessas dificuldades vem daquilo que o homem produz, diante de seus trabalhos e da sua vontade.

Com o passar do tempo, o homem vive cada vez mais com medo dos instrumentos que ele mesmo produz, tais como a bomba nuclear, armas, drogas; isso se torna um meio de autodestruição humana ao longo da história. Deus confiou ao homem o cuidado da sua criação, “ele reine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre toda a terra, e sobre todos os répteis que se arrastam sobre a terra.” (Gn 1, 26)

Continuamente o homem passa a dominar e explorar a terra ao permitir o crescimento do abuso da criação dada pelo Pai. Infelizmente, buscam realizar os seus desejos pessoais, gerando indústrias, aumentando o desmatamento, trazendo consigo ameaças para o ambiente natural. O homem foi confiado a ser o guardião da criação, mas não um violador ou destruidor.

Com a sua inteligência, o ser humano criou muitas coisas, uma delas é a tecnologia. Nesse viés, João Paulo II nos traz uma pergunta importante: a tecnologia,

criada por meio da pessoa, o seu progresso, embora seja positivo em vários aspectos, gera a vida humana mais humana? Ele nos responde dizendo que existe um lado positivo que atinge esse objetivo.

No contexto deste progresso, torna-se verdadeiramente melhor, isto é, mais amadurecido espiritualmente, mais consciente da dignidade da sua humanidade, mais responsável, mais aberto para com o outros, em particular para com os mais necessitados e os mais fracos, e mais disponível para proporcionar e prestar ajuda a todos. (João Paulo II, 1979, p 46).

Diante dessa realidade e da situação do homem, deve-se voltar o olhar a Jesus Cristo, para o mistério da Redenção, a fim de responder essas questões e ajudar a resolver os problemas da atualidade. Ao voltar-se para o sofrimento, dificuldades e esperança da pessoa, faz com que a Igreja, como comunhão, unidade social, perceba os mesmos impulsos divino, iluminados pelo Espírito que vem de Cristo, na morte e na ressurreição. (João Paulo II, 1979, p 46)

Ao se encontrar intimamente com o Cristo, o homem passa a experimentar um mistério profundo, transformando-se e tornando-se uma nova criatura. Assim, é convidado a participar dos planos de Deus, gerando uma forma de viver diferente, repleto de graça e da real verdade. Diante dessa união, encontra-se, também, uma grande força, na qual, o próprio Cristo concede, levando para toda a eternidade, ou seja, que não se envelhece ou desaparece.

Portanto, a Igreja possui uma grande e importante missão de compreender a realidade do homem, pois, assim, encontrará modos de chegar à consciência e ao coração, para apresentar o próprio amor de Deus. Contudo, ao chegar nessa realidade, é preciso, através dos olhos de Cristo, um olhar humano, misericordioso, mostrar que é uma guardiã da vida, um presente que vem do próprio Deus, que não se dissipa, mas constantemente faz progredir.

Infelizmente, diante de tantas devastações e calamidades, não somente material, mas também moral, foi se construindo muitas injustiças e sofrimentos na humanidade, violando o direito humano e a sua dignidade. O próprio João Paulo II traz essa ideia: “se os direitos do homem são violados em tempo de paz, isso se torna particularmente doloroso e, sob o ponto de vista do progresso, representa um incompreensível fenômeno de luta contra o homem.” (João Paulo II, 1979, p 56)

Ao tratar a respeito dessa realidade sem valor e sem direitos humanos, João Paulo II recorda de toda a experiência que passou nos momentos tristes diante da

violência, tortura, terrorismo, discriminação, quando era mais jovem e durante todo o seu trabalho servindo a Igreja. Nesse sentido, ele coloca uma grande credibilidade à Organização das Nações Unidas, pois tem o propósito de estabelecer uma base para revisão de programas, sistemas e regimes centrados no bem do homem e da comunidade. Toda essa força que a organização oferece está frisada no documento *Redemptor Hominis*.

A Igreja tem o conhecimento de toda essa realidade que prejudica o valor humano e a missão que possui de defender quem necessita diante desse mundo. Nessa perspectiva, João Paulo II, apresenta o significado da palavra paz, que é, resumidamente, o respeito pelos direitos, que são invioláveis, da pessoa. Porém, a guerra surge com essa violação dos direitos, gerando, cada vez mais fortemente, uma grave infração.

Neste viés, surge uma pergunta criada pelo papa: qual programa social, econômico, político e cultural pode renunciar essa realidade? Com as suas palavras nos responde: “Nós nutrimos a convicção profunda de que não há no mundo de hoje nenhum programa em que, até mesmo sobre a plataforma de ideologias opostas quanto à concepção do mundo, não seja posto sempre em primeiro lugar o homem.” (João Paulo II, 1979).

A igreja sempre deixou clara a sua posição em relação aos regimes que foram surgindo durante a história. Vários regimes totalitários foram criticados pela Igreja, pois restringiram os direitos dos cidadãos, deixando de lado os direitos que possuem. Nesse sentido, o estado, como comunidade política, nasce a necessidade de participação e conhecimento das pessoas na vida política, deixando claro as condições reais de cada povo e de cada comunidade. (João Paulo II, 1979).

A Igreja sempre trabalhou em prol do bem comum, ajudando as pessoas a serem responsáveis por cada Estado, educando, ensinando e mostrando que devemos buscar o bem que envolve a todos e os seus direitos fundamentais. Contudo, o bem comum somente será alcançado quando todos os cidadãos tiverem esses direitos. Se não, somente haverá violência, discriminação, evidenciando diversos totalitarismos neste mundo.

João Paulo II trata desses temas, uma vez que fazem parte da realidade complexa que são enfrentadas pela sociedade. Existe uma profunda marca de preconceitos, injustiça e terrorismo, que destrói totalmente a dignidade humana. Nesse sentido o papa faz um grande apelo:

Desejo, no entanto, em virtude de meu múnus, em nome de todos os homens crentes do mundo inteiro, dirigir-me àqueles de quem, de alguma maneira, depende a organização da vida social e pública, pedindo-lhes ardentemente para respeitarem os direitos da religião e da atividade da Igreja. Não se pede nenhum privilégio, mas o respeito de um elementar direito. A atuação deste direito é um dos fundamentais meios para se aquilatar do autêntico progresso do homem em todos os regimes, em todas as sociedades e em todos os sistemas ou ambientes (João Paulo II, 1979, 56).

1.5 Conclusão

João Paulo II, na sua vida, presenciou muitas situações que desfavoreceram a dignidade humana. Atualmente, essas circunstâncias, infelizmente, ainda ocorrem no mundo. Há muitas guerras, conflitos, violências, como uma maneira de posicionar quem é mais forte, quem está certo ou errado. A intolerância percorre em muitas pessoas, por não compreenderem que cada vida humana é importante e que, apesar das diferenças, todos são de Deus.

A vida de João Paulo II é uma fonte de inspiração de como ele conseguiu enfrentar as dificuldades das mortes, do terror, da violência e, mesmo assim, pretendeu entrar na vida presbiteral para anunciar o evangelho. Através de seu exemplo, sempre se posicionou em defesa da vida humana. Com seus trabalhos e tornando modelo de líder, foi convocado para ser papa da Igreja Católica. Assim, tornou-se um homem que representou todos os cristãos no mundo.

Ao utilizar a vida de João Paulo II para compreender o tema da dignidade humana, encontra motivação para que todas as pessoas possam, mesmo com tantas dificuldades, defender a vida, os seus direitos e ajudar a entender que a vida é importante para todos.

Além disso, compreende que a vida humana está presente na imagem de Jesus Cristo, o maior defensor da vida humana. Ao utilizar esse modelo para entender a dignidade, é, ao mesmo tempo, voltar para a origem do humano, entender o motivo da existência humana. Assim, nasce uma visão solidária e compassiva do próximo.

Portanto, ver o outro indivíduo como imagem e semelhança de Deus, é lutar para que ele possa ter uma vida digna; é colaborar para que essa pessoa possa ser vista, tornando vivos os seus direitos humanos e o seu valor. A igreja sempre se tornou presente para essa defesa. A sua missão é chamar para que todos possam fazer parte

desse compromisso de propagar Jesus Cristo, como defensor e modelo de vida humana.

2 A DIGNIDADE HUMANA, UMA REFLEXÃO SOBRE O EVANGELHO DA VIDA

2.1 Introdução

Este capítulo, tem como objetivo fazer uma reflexão sobre a vida humana, ajudando a compreender que a valor humano é um dom precioso de Deus e, por isso, todos possuem a missão de colaborar para que ela possa ser respeitada e valorizada diante de muitas circunstâncias. Nesse sentido, Jesus Cristo aparece como exemplo de defensor da vida, mostrando, diante de suas atitudes, a importância da dignidade humana.

Para se compreender melhor essa dignidade humana, o capítulo faz uma análise da criação do homem, utilizando do livro de Gênesis, para observar como a dignidade humana foi sendo inserida diante do seu Criador. Assim, entende que todo ser humano, mesmo diante de suas indiferenças, possuem a mesma origem, sendo imagem e semelhança de Deus.

Ademais, traz um pensamento sobre as práticas e atitudes que são contrárias à vida humana como, por exemplo, o aborto. Um tema fundamental que necessita ser pensado para que esse tipo de negligência à vida não possa acontecer, pois fere esse dom Deus. Desse modo, é preciso que todos possam defender o direito à vida e se responsabilizar pelo próximo.

Diante disso, o capítulo pretende demonstrar a importância que a vida humana possui diante destas reflexões: usar a sua origem para compreender o valor humano é entender a vocação e a missão que todos os seres humanos possuem de defender e de proclamar o direito à vida; analisar o exemplo que Jesus se entregou no mundo como serviço e proximidade humana; por último, uma reflexão de como a vida humana está sendo desvalorizada diante de transgressões que acabam acontecendo na sociedade.

Portanto, o trabalho está estruturado em apresentar a missão que todas as pessoas possuem de defender a vida, buscando sempre a Jesus Cristo como caminho, verdade e vida. Em seguida, explicar a origem do ser humano, compreendendo como nasceu o seu valor e sua vocação que é o amor. Além disso,

apresentar as principais ameaças que a sociedade está vivenciando nos tempos atuais. Depois, trazer o exemplo de Jesus Cristo que apresenta diante da sua vida o significado da dignidade humana. Por fim, compreender o quinto mandamento, não matarás, mostrando o respeito absoluto da vida, nascendo o amor e o carinho.

2.2O caminho, a verdade e a vida: a missão de todos

A mensagem central de Jesus Cristo, durante toda a sua vida na terra, foi proclamar o Evangelho da Vida, uma mensagem que declara o amor e a responsabilidade pela vida humana. A Igreja, ao acolher amorosamente essa missão, responsabiliza-se a explicar essa palavra, “boa nova” para todas as pessoas, para toda a realidade, ou seja, independentemente de sua época ou cultura. (João Paulo II, 1995).

João Paulo II deixa claro que o Evangelho da Vida parte no início da salvação, quando o menino Jesus chegou entre nós, trazendo consigo uma feliz notícia anunciada por seu mensageiro: “Eis que vos anuncio uma grande alegria, que será para todo o povo: nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo-Senhor, na cidade de Davi.” (Lc 2, 10–11). Além disso, o Natal também possui outro significado importante que é o nascimento humano, trazendo alegria por cada criança que nasce: “Quando a mulher está para dar à luz, entristece-se porque sua hora chegou; quando, porém, dá à luz, a criança já não se lembra dos sofrimentos, pela alegria de ter vindo ao mundo um homem.” (Jo 16, 21).

Jesus apresenta-se como “o caminho, a verdade e a vida”, mostrando que o principal objetivo de sua missão é dar a todos a vida em abundância, sendo “nova” e “eterna”, na qual se completa na comunhão com o Pai. Essa é a nossa vocação de filhos e filhas, chamada gratuitamente através do Espírito Santificador. Ao ter esse encontro, a existência humana adquire um significado pleno.

O ser humano é chamado a fazer esta missão que ultrapassa a realidade terrena, uma vez que participa de outra realidade que somente é possível com o auxílio de Deus, o qual é sua vida. Esse universo sobrenatural é a própria grandeza do valor da vida humana. A natureza terrena é o ponto fundamental, na qual, inicia esse processo restaurador do significado humano, que é, ao mesmo tempo, iluminado pelo Espírito.

Ao mesmo tempo, porém, o próprio chamamento sobrenatural sublinha a relatividade da vida terrena do homem e da mulher. Na verdade, esta vida não é realidade «última», mas «penúltima»; trata-se, em todo o caso, de uma realidade sagrada que nos é confiada para a guardarmos com sentido de responsabilidade e levarmos à perfeição no amor pelo dom de nós mesmos a Deus e aos irmãos. (João Paulo II, 1995, n. 2).

A Igreja acredita que o Evangelho da Vida está presente no fundo do coração de todas as pessoas, mesmo com crenças e pensamentos diferentes. Todo ser humano que está aberto à verdade e ao bem, de algum modo místico da graça e pela luz da razão, no interior de cada um existe um significado e o valor da vida. Nesse sentido, por meio desse entendimento, nasce o direito primordial de cada pessoa a ser respeitada.

Porque, quando os gentios, que não têm lei, fazem naturalmente as coisas da lei, esses, embora não tendo lei, são lei para si. Eles mostram que a obra da lei está escrita em seus corações, testemunhando-lhes juntamente a sua consciência e os seus pensamentos, que ora se acusam, ora se desculpam uns aos outros. (Rm 2, 14-15).

A missão de defender e promover o direito à vida é a responsabilidade de cada cristão. O Deus encarnado, uniu-se a cada ser humano, e, diante desse momento da salvação, mostra a todos não somente o amor de Deus, mas também, que esse amor, trouxe ao mundo o seu Filho único (Jo 3, 16) e o valor inviolável⁶ da vida da pessoa. A Igreja é chamada a anunciar às pessoas esse Evangelho, que é fonte de esperança e de verdadeira alegria para todos os séculos.

A pessoa, por fazer parte do projeto salvífico de Deus e de se responsabilizar pela missão de promover o valor e a dignidade humana, está confiada sobre o cuidado da Igreja. Nesse sentido, qualquer ameaça que afeta a criação, a pessoa humana e a dignidade, ao mesmo tempo, fere o cerne da Igreja, pois a humanidade está inserida nele.

Por isso, esse dever de proclamar a vida e o valor humano está cada vez mais necessário e urgente, devido a uma grande multiplicação de ameaças à vida humana, principalmente quando encontramos diante da miséria, da fome, da violência e da guerra, surgindo novos desafios e realidades totalmente preocupantes.

⁶ O valor inviolável significa que a vida humana não pode ser corrompida, diminuída diante de qualquer circunstância. Ao nascer pela própria vontade de Deus, essa vida deve ser respeitada e cuidada, tendo consciência da sua importância

Na introdução da Carta Encíclica, “*Evangelium Vitae*”, João Paulo II apresenta a importância da dignidade humana.

Tudo quanto se opõe à vida, como seja toda a espécie de homicídio, genocídio, aborto, eutanásia e suicídio voluntário; tudo o que viola a integridade da pessoa humana, como as mutilações, os tormentos corporais e mentais e as tentativas para violentar as próprias consciências; tudo quanto ofende a dignidade da pessoa humana, como as condições de vida infra-humanas, as prisões arbitrárias, as deportações, a escravidão, a prostituição, o comércio de mulheres e jovens; e também as condições degradantes de trabalho, em que os operários são tratados como meros instrumentos de lucro e não como pessoas livres e responsáveis. Estas coisas e outras semelhantes são infamantes; ao mesmo tempo que corrompem a civilização humana, desonram mais aqueles que assim procedem, do que os que padecem injustamente; e ofendem gravemente a honra devida ao Criador. (JOÃO PAULO II, 1995, p. 8).

Infelizmente, esta realidade apresentada pelo documento, está a cada momento se expandindo e não diminuindo, como se fosse um vírus poderoso que se espalha para toda a humanidade. O progresso científico e tecnológico, além de favorecer a sociedade, está trazendo novas formas de atentados à dignidade humana, tirando o seu principal objetivo de auxiliar as pessoas. Além disso, setores da opinião pública estão dando liberdade e autorização para praticar essa violência à vida humana e sua dignidade, sobretudo no contexto da saúde (JOÃO PAULO II, 1995, p. 10)

Tudo isso acaba acontecendo e trazendo uma mudança de como conceber a vida e a relação entre os seres humanos. As escolhas que eram consideradas criminosas e rejeitadas pela sociedade, hoje, tornaram-se respeitadas e aceitas; um exemplo recorrente disso é o aborto. Nesse sentido, a medicina, cujo objetivo é auxiliar o ser humano na sua defesa e na sua dignidade, está contrariando sua vocação e prejudicando a integridade daqueles que a praticam. Isso implica a eliminação de tantas vidas humanas em gestação. Diante desse cenário, percebemos que a consciência tem uma dificuldade em discernir entre o bem e o mal a respeito do valor e da dignidade humana.

Diante dessa realidade, João Paulo II nos faz um convite:

A todos os membros da Igreja, povo da vida e pela vida, [...] juntos, possamos dar novos sinais de esperança a este nosso mundo, esforçando-nos porque cresçam a justiça e a solidariedade e se afirme uma nova cultura da vida humana, para a edificação de uma autêntica civilização da verdade e do amor. (JOÃO PAULO II, 1995, p. 14).

2.3 A origem e as ameaças à vida humana, por meio da narrativa de Caim e Abel.

Ao tratarmos sobre a vida humana, é necessário voltar para a sua criação, na qual se encontra na Sagrada Escritura, especificamente no Livro de Gênesis. Neste livro encontramos dois relatos sobre a criação: o primeiro, no 1, 1-2, 4a, e o segundo no 2, 4b-22. No primeiro, preocupa-se em demonstrar a universalidade soberana de Deus, em que Ele é anterior à sua criação e todos os seres receberam o dom da existência, dando ênfase na sua cosmogonia. No segundo relato, tem-se uma perspectiva antropológica, na qual tem-se a formação do homem e da mulher, imagem e semelhança de Deus, recebendo a responsabilidade de cuidar de sua criação. (Bíblia de Jerusalém, 2002)

Nessa perspectiva, por meio das mãos divinas, a pessoa recebe o dom da existência e, conseqüentemente, o homem não aparece apenas como objeto e amor de Deus, mas também como interlocutor. Cria-se uma relação amistosa com Deus e com o outro, culminando na totalidade da criação. O homem é consciente de que está numa relação, numa responsabilidade sob a totalidade da criação, ao ter consciência de que é parte de Deus. E, dessa forma, o ser humano precisa zelar e transformar a criação.

Existe uma ascendência do homem sobre a criação, como chamado a colaborar no mistério da criação e não à destruição. A obra da criação de Deus é também a finalidade do homem que é criado, em vista da comunhão com esse mesmo Deus. A finalidade do ser humano é participar do reino que é a intimidade e comunhão com o Criador, tendo a responsabilidade de colaborar na realidade paradisíaca, ou seja, no sentido harmonioso.

Contudo, devido à inveja do diabo, a morte entrou no mundo, trazendo a falta de sentido sobre a existência do homem, afetando o seu valor e sua dignidade. Por meio da desobediência dos primeiros pais, pelo desejo de autossuficiência, quebrou a harmonia que Deus desejou ao fazer sua criação (Gn 3, 1.4-5). A pessoa tem consciência do pecado, uma rejeição a essa realidade de graça, de contrariar a vontade e a obra do próprio criador que é trazer o paraíso. O pecado entra no mundo, acarretado pela consciência, trazendo o orgulho, a soberba e a vaidade. (João Paulo II, 1995)

Depois desse acontecimento, encontramos a história de Caim e Abel, na qual, Caim levantou a mão contra o seu próprio irmão e o matou (Gn 4, 8). Abel foi pastor e Caim lavrador; ambos apresentaram ao Senhor a sua oferta: Caim entregou frutos da terra e Abel, os primogênitos do seu rebanho. O senhor olhou somente para a oferta de Abel; porém, Caim, totalmente irritado, levou o seu irmão ao campo e o matou. Deus, ao descobrir, questiona Caim a presença de seu irmão, e com ignorância e mentira, responde: “Não sei. Acaso sou guarda de meu irmão? (Gn 4, 9)

Diante dessa realidade, infelizmente encontramos ainda essa mesma atitude de Caim ao longo da história, em que muitas ideologias são utilizadas para esconder crimes contra a pessoa e, também, pela omissão em assumir a responsabilidade que cada ser humano possui em cuidar do seu próprio irmão. Atualmente, esse problema perdura-se principalmente em pessoas com mais vulnerabilidade na sociedade, entre eles: os idosos, os doentes, os imigrantes e as crianças.

Perante essa situação, compreendemos que o homem não é predestinado para o mal, mas é tentado pela força do pecado. Mesmo com essa crueldade, pela sua misericórdia, Deus faz uma advertência a Caim e coloca um sinal para protegê-lo daqueles que querem vingar a morte de Abel, demonstrando proteger a sua dignidade pessoal, pois Deus prefere o arrependimento do pecador a utilizar do seu ato para prejudicar a si mesmo.

Caim era um homem consciente de seus atos, do mesmo modo que, na atualidade, a sociedade também possui sua escolha de atuar do modo que quiser. Por isso, há um chamado a todos a adquirir a consciência dos atentados à vida e a consequência de suas próprias atitudes. Porém, João Paulo II nos chama atenção para olhar para atentados específicos:

(...) é que, na consciência coletiva, aqueles tendem a perder o caráter de « crimes para assumir, paradoxalmente, o caráter de « direito », a ponto de se pretender um verdadeiro e próprio *reconhecimento legal da parte do Estado e a consequente execução gratuita por intermédio dos profissionais da saúde*. Tais atentados ferem a vida humana em situações de máxima fragilidade, quando se acha privada de qualquer capacidade defensiva. Mais grave ainda é o fato de serem consumados, na maioria, mesmo no seio e por obra da família que está, pelo contrário, chamada constitutivamente a ser « santuário da vida ». (JOÃO PAULO II, 1995, p.11)

Diante do exposto, nota-se que existe uma grande dúvida, gerada pela crise cultural, que insere nas pessoas, fazendo-as perder a visão moral, distorcendo os fundamentos do conhecimento e da ética, dificultando a compreensão do sentido do

homem e de seus direitos, perdendo a solidariedade e responsabilidade com o próximo. João Paulo II afirma que estamos vivenciando uma estrutura de pecado presente nessa cultura anti-solidária que se atua como "cultura da morte". (João Paulo II, 1995) Um exemplo disso é a promoção do aborto, na qual estão investindo em medicamentos que permitem a morte do feto:

A própria investigação científica, neste âmbito, parece quase exclusivamente preocupada em obter produtos cada vez mais simples e eficazes contra a vida e, ao mesmo tempo, capazes de subtrair o aborto a qualquer forma de controle e responsabilidade social. (JOÃO PAULO II, 1995, p. 28)

Além disso, é fundamental pensar não somente na morte, mas na causa que a leva para isso. O questionamento que Deus faz para Caim, "o que fizeste?", faz-nos refletir sobre a gravidade das consequências desses atos e o que leva para que isso aconteça. As escolhas que acarretam contrariar a vida, surgem, muitas vezes, em situações difíceis como o sofrimento, a depressão e a ansiedade. As pessoas se encontram em realidades emocionais e práticas complicadas e, por isso, tem dificuldade em refletir em decisões éticas e podem tornar-se menos responsáveis pelas suas ações moralmente. (João Paulo II, 1995)

Além de ser responsável pela criação, que foi feita pelas mãos do próprio Deus, o homem deve também guardar o seu próprio irmão, ao fazer parte desse projeto e dessa missão. O próximo, mesmo sendo diferente, também é filho ou filha de Deus. Além disso, o ser humano não foi criado para viver sozinho, mas sempre com o próximo. Quando essa liberdade é utilizada de forma egoísta e individual, perde-se o seu real sentido, que é o outro, e, ao mesmo tempo, a sua missão e a sua vocação. Com isso, a liberdade perde o seu significado e a convivência é distorcida, tornando a sociedade com indivíduos sem proximidade, priorizando, somente, os seus interesses.

Nesse viés, compromete à pessoa o desejo de levar adiante a defesa da vida. Consequentemente, a democracia caminha pela estrada de um substancial totalitarismo. O estado deixa de ser uma "casa comum", um espaço onde todos poderiam viver com igualdade e torna-se uma entidade que decide sobre a vida dos mais fracos, doentes, necessitados por um interesse público, que somente beneficia alguns. (JOÃO PAULO II, 1995, n. 41)

Com isso, perde-se o sentido da missão que Deus confiou ao ser humano. Diante da história de Caim e Abel, esta perda é visível em relação com o Criador. Quando o ser humano não considera Deus como algo fundamental para a sua vida, ao mesmo tempo, não se tem o sentido de sua existência. Esse pensamento é apresentado pelo Papa João Paulo II onde afirma:

Sem o Criador, a criatura não subsiste. (...) Antes, se esquece Deus, a própria criatura se obscurece. O homem deixa de conseguir sentir-se como misteriosamente outro face às diversas criaturas terrenas; considera-se apenas como um de tantos seres vivos, como um organismo que, no máximo, atingiu um estado muito elevado de perfeição. Fechado no estreito horizonte da sua dimensão física, reduz-se de certo modo a uma coisa, deixando de captar o carácter transcendente do seu existir como homem. Deixa de considerar a vida como um dom esplêndido de Deus, uma realidade sagrada confiada à sua responsabilidade e, conseqüentemente, à sua amorosa defesa, à sua veneração. A vida torna-se simplesmente uma coisa, que ele reivindica como sua exclusiva propriedade, que pode plenamente dominar e manipular. (JOÃO PAULO II, 1995, p. 45)

Quando não se tem o sentido e o significado de Deus na vida, ao mesmo tempo, não se tem o sentido das coisas, fato este que acaba reduzindo o valor da criação como um simples objeto material. Além de fazer com que todo o mistério, a salvação, o projeto, a missão que Deus confiou ao ser humano e tudo o que foi preparado por Ele desapareça. Nesse sentido, torna-se impossível compreender o significado da vida e, principalmente, do seu valor e de sua dignidade. (João Paulo II, 1995)

Após a morte de Abel, muitas vidas foram perdidas e muitas delas gritam pelo Senhor, mas de uma maneira única, assim como foi com o sangue de Cristo, que também foi derramado pelas pessoas. O sangue de Cristo revela-nos a grandeza do homem no sentido de doação, ou seja, no sentido de entregar a sua própria vida a Deus. Além disso, remete-nos a força para aqueles que procuram defender a vida humana, sendo a base para a sociedade.

No decorrer dessa caminhada, são apresentados sinais de esperança no mundo, como, por exemplo, os movimentos que buscam defender a vida e a sua dignidade, tendo como a base da sua missão a vida de Jesus Cristo, modelo de serviço, de vida e de esperança para todas as pessoas. Diante de tantas dificuldades que encontramos na vida, ainda existe uma corrente de otimismo que auxilia nesse trajeto desafiador, que é repleto de egoísmo e de violação à vida.

2.4O significado da vida à luz de Jesus Cristo.

Diante de dificuldades que as pessoas encontram na vida, é normal que elas fiquem desanimadas. No entanto, são nesses momentos que Deus permanece presente e o ser humano necessita de ajuda para trabalhar e enfrentar com fé, coragem e humildade esses problemas, e deve ter como exemplo fundamental a pessoa de Jesus Cristo, pois Ele é o próprio Evangelho da Vida, no qual encontra a realidade concreta, a revelação e a pessoa de Deus, que trouxe para a humanidade "vida em abundância" (Jo 10, 10). Existe a imagem de dignidade humana a partir da fala, da ação e da própria pessoa de Jesus, que pede e que influencia a viver em defesa da vida, tornando o ser humano responsável pela criação de Deus.

Deus protege e conforta todos que estão em perigo, como fez em Israel em meio a inimigos. Jesus teve esta missão de levar esses cuidados para todas as pessoas em situações difíceis, sentando-se com esquecidos, curando os doentes e dando atenção àqueles que não eram ouvidos. Nas palavras de Isaías (35, 5-6; 61, 1) Jesus revela o propósito de sua missão: trazer a boa nova aos pobres, curar os corações, libertar os presos e revelar o interesse que Deus possui por eles. Esta é a missão que todo o ser humano possui: anunciar Jesus como aquele que faz o bem e que traz a mensagem de vida e de salvação.

As atitudes da Igreja, sendo a mesma de Jesus, não são aplicadas somente àqueles que estão necessitados, mas, também, para a própria vida moral e espiritual de cada ser humano. A pessoa que tem consciência dos seus atos, ou seja, de que sabe que está contaminada pelo pecado, poderá encontrar a verdade, que é a vida em abundância, que é o próprio Jesus. Contudo, aqueles que não querem buscar a verdade e olhar para si como um ser pecador, não encontrará o caminho que leva à salvação que vem de Deus. Em geral, consideram os bens materiais e a própria pessoa como um ser humano que apenas dá importância à sua própria existência, negligenciando sua vocação para propagar o que Jesus ensinou.

A história de salvação de Jesus não se limita a uma realidade temporal comum, como um fato histórico, mas transcende nossa compreensão que participa nos planos salvíficos de Deus. Jesus deseja que todos acreditem nas suas palavras. Aqueles que o receberam e creram n'Ele, deram o poder de se tornaram filhos de Deus; não foram gerados nem do sangue, nem de uma vontade da carne, nem de uma vontade do homem, mas de Deus. (Jo 1, 12-13)

Um das vezes, Jesus designa esta vida, que Ele veio dar, simplesmente como « a vida»; e apresenta o ser gerado por Deus como condição necessária para poder alcançar o fim para o qual o homem foi criado: « Quem não nasceu de novo, não pode ver o Reino de Deus » (Jo 3, 3). O dom desta vida constitui o objeto próprio da missão de Jesus; Ele « é Aquele que desce do Céu e dá a vida ao mundo » (Jo 6, 33), de tal modo que pode afirmar com toda a verdade: « Quem Me segue (...) terá a luz da vida » (Jo 8, 12). (JOÃO PAULO II, 1995, p. 74)

Jesus promete e entrega a vida eterna para aqueles que o querem e desejam ouvir a sua palavra, mas não é possível para as pessoas que não possuem uma comunhão com Ele, isto é, àqueles que não caminham juntos de acordo com o que Ele ensina. A vida eterna é declarada por Jesus na oração sacerdotal: Ora, a vida eterna é esta: que eles te conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e aquele que enviaste, Jesus Cristo. (Jo 17,3.)

A dignidade não está ligada somente à sua origem, assim como ao seu fim, que é o destino para a comunhão com Deus. A vida deve ser acolhida como um bem, pois se encontra a motivação e a força para cuidá-la. Ao procurar amar a vida como um bem, não a reduza à simples busca de um espaço que pode exprimir-se a si e entrar em relação com os outros, mas de fazer parte da existência da manifestação de Deus. (JOÃO PAULO II, 1995, p. 76).

A vida humana surge das mãos de Deus, portanto, o início e o fim dela partem d'Ele. Entretanto, Ele não executa a sua criação de forma arbitrária, mas nos oferece a vida, em sentido amplo, com total amor e carinho. Desse modo, por nascer d'Ele, não existe o direito de acabar com a vida humana; por isso, o direito à vida é inviolável, como é possível observar no mandamento que está no livro do Êxodo, "Não matarás" (Ex 20, 13), que se encontra também em Mateus, quando Jesus está conversando com os discípulos no Sermão da Montanha ao afirmar que "aquele que matar está sujeito a ser condenado. Eu, porém, digo-vos: quem se irritar contra o seu irmão será réu perante o tribunal" (Mt 5, 21-22). Assim, percebe-se que tais afirmações são fundamentais para o ser humano se conscientizar do valor da vida.

Jesus ensina, na sua missão, que todos devem amar o próximo, independentemente do que seja. Para isso, é fundamental superar o outro como desconhecido e aproximar-se, principalmente, dos necessitados, tomando para si uma responsabilidade dada por Deus. Quando esse ato é praticado com amor e carinho, o

desconhecido torna-se conhecido, o inimigo torna-se amigo, tornando para a pessoa um remédio para o coração. Quando não se trata com amor, a proximidade se torna algo sem sentido. Amar e orar para o próximo é um exercício que deve ser praticado diariamente e, ao fazer isso, o indivíduo está se assemelhando ao Pai ao receber todos, os bons e os maus, os justos e os injustos. Em outras palavras, o "Não matarás" se resume a: Amarás ao próximo como a ti mesmo. (Mt 22, 39)

Vocacionado a guardar e zelar pela criação, o ser humano tem a responsabilidade com o outro, não somente no momento presente, mas também com as gerações futuras. Deus confiou no homem e na mulher para trabalhar na obra de salvação, gerando entre os dois, uma nova vida que se abre para o futuro. Logo, é missão dos pais acolher e servir a vida, educando seus filhos para favorecer aqueles que passam pela fragilidade.

A missão de Jesus é apresentar a preocupação que Deus possui com a vida da pessoa. Ele proclama a boa nova, curando os corações daqueles que estão passando por necessidade. Contudo, essa missão é passada para os seus discípulos, confiando que curem os doentes através do Evangelho: "Pelo caminho, proclamai que o reino dos Céus está próximo. Curai os enfermos, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demônios." (Mateus 10, 7-8; cf. Marcos 6, 13; 16, 18)

Ao realizar o desejo de Jesus em proclamar a sua palavra de vida, é ao mesmo tempo, doar-se inteiramente ao seu projeto. Jesus sacrificou a si mesmo, fazendo da sua vida uma oferta ao Pai. A vida corpórea, para o ser humano, não é absoluta, pode ser perdida ao longo do caminho para o bem superior. Desse modo, ninguém consegue decidir quem vive ou não, mas é Deus que tem essa capacidade.

O sentido da vida da pessoa é acolher de forma livremente e amorosamente o dom de Deus e responsabilizar-se pelo desejo de salvação. Ao desvincular dessa missão, quer dizer, condenar-se à escuridão e ao pecado, tornando-se um ser de ameaça para toda a criação, o sentido da dignidade humana e significado de Jesus que é proclamar a vida nova é perdido.

A verdade da vida é revelada pelo mandamento de Deus. A palavra do Senhor indica concretamente a direção que a vida deve seguir, para poder respeitar a própria verdade e salvaguardar a sua dignidade. Não é apenas o mandamento específico — « não matarás » (Ex 20, 13; Dt 5, 17) — a garantir a proteção da vida; mas a Lei do Senhor em toda a sua extensão está ao serviço dessa proteção, porque revela aquela verdade na qual a vida encontra o seu pleno significado. (JOÃO PAULO II, 1995, p. 93)

Por meio das palavras do Senhor, que é repleto de vida, que a pessoa pode viver com dignidade e justiça significa que é também respeitá-lo e obedecê-lo para produzir bons frutos de vida. Deus inscreveu no coração de todas as pessoas a "Lei da vida". Jesus apresenta essa Lei e leva ao seu "cumprimento pleno". A Lei torna-se o evangelho, a boa nova que leva a toda a criação a sua origem. É uma nova regra, "a lei do Espírito que dá a vida em Cristo Jesus" (Romanos 8, 2), é o dom de si mesmo com amor aos irmãos, tornando-se uma lei de liberdade, alegria e felicidade.

João Paulo II convida a meditar e contemplar o momento em que Jesus Cristo foi crucificado, para descobrir o cumprimento e a revelação de todo o Evangelho da vida. Nas primeiras horas da tarde da Sexta-feira Santa, o céu escureceu e o véu do templo rasgou-se, simbolizando o clima de luta entre o bem e o mal, a vida e a morte. Atualmente, essa realidade permanece, pois há uma guerra entre aqueles que protegem a vida e aqueles que procuram a morte como meio. Porém, Jesus ilumina em meio às trevas, apresentando o sentido do fim e da vida humana. (JOÃO PAULO II, 1995)

Durante a sua vida, Jesus Cristo doou-se para todas as pessoas, salvando, curando e ouvindo. Muitos foram convertidos e restaurados pelas palavras e ações de Jesus. Ao mudarem de vida, ao mesmo tempo, os seus corações ficaram repletos de graças, convertidos diante das palavras de amor, libertando-se do mal e revelando o valor da vida. Assim, todas as pessoas participam das falas e das ações de Cristo ao serem responsáveis em compartilhar esse milagre de salvação.

2.5 A dignidade humana mediante o quinto mandamento: Não matarás!

No evangelho de Mateus, encontra-se um momento em que uma pessoa se aproxima de Jesus e pergunta como alcançar a vida eterna. Logo Jesus respondeu: "Guarda os mandamentos: não matarás, não adulterarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho." (Mt 19, 16). Jesus primeiramente refere-se ao "Não matarás" como a primeira resposta ao sujeito que lhe questionou, revelando a importância da vida como um caminho que leva à vida divina.

O Decálogo, as dez palavras, indica para o povo as exigências da aliança e da prática, pois seus mandamentos são cláusulas da aliança de Iahweh e Israel. Além disso, é o coração da Lei mosaica e a conservação do seu valor na nova Lei: Cristo

relembra seus mandamentos, os quais se acrescentam os conselhos evangélicos. (Bíblia de Jerusalém, 2002)

Os caminhos que Deus revela ao ser humano, como direção para a vida eterna, são nascidos através do seu amor, por ter o maior carinho por sua criação. Assim, coloca a si próprio como um evangelho que oferece a vida nova, tornando uma responsabilidade para todas as pessoas compartilharem essa boa notícia. Além disso, é o trabalho do ser humano, com a sua liberdade e a vida ganhada por Deus, zelar pelas suas obras de salvação, fazendo com que se torne um ser humano que ame, respeite e promova, tornando o mandamento como um dom.

O homem não é senhor absoluto e árbitro incontestável, mas — e nisso está a sua grandeza incomparável — é « ministro do desígnio de Deus ». A vida é confiada ao homem como um tesouro que não pode malbaratar, como um talento que há de pôr a render. Dela terá de prestar contas ao seu Senhor (cf. Mt 25, 14-30; Lc 19, 12-27). (JOÃO PAULO II, 1995, p. 103)

A vida humana é inviolável, por ser fruto da ação de Deus, desse modo é sagrada. O mandamento, "não matarás" proíbe a destruição dessa vida, simultaneamente, mas, indiretamente, apresenta à humanidade o respeito absoluto da vida, fazendo crescer o amor e o carinho. Cada pessoa possui o seu valor e não pode existir uma limitação a esse direito; por isso, devem viver diante da verdade e da justiça, reconhecendo que todos são irmãos, pois são filhos do mesmo Pai, tornando-se responsáveis uns pelos outros.

A pessoa humana que possui a liberdade de agir diante de toda a criação, também pode se movimentar diante do mal, ou seja, das suas escolhas de vida pode se empoderar por meio dos crimes que levam a dignidade a tornar-se sem sentido e sem valor. Um exemplo disso, que é fundamental tratar, é a questão do aborto, na qual, o Concílio Vaticano II o define como um "crime abominável", pois viola o dom da vida dada por Deus.

O reconhecimento do aborto, juntamente com os costumes e com as leis, está se tornando uma realidade perigosa, com uma crise moral que impossibilita em escolher entre o bem e o mal, deixando distante o valor e o direito à vida. Cabe ressaltar que, diante disso, a pessoa eliminada é uma criação de Deus que começa a nascer para a vida, ou seja, é apenas um inocente.

É frágil, inerte, e numa medida tal que o deixa privado inclusive daquela forma mínima de defesa constituída pela força suplicante dos gemidos e do choro do recém-nascido. Está totalmente entregue à proteção e aos cuidados daquela que o traz no seio. Todavia, às vezes, é precisamente ela, a mãe, quem decide e pede a sua eliminação, ou até a provoca. (JOÃO PAULO II, 1995, p. 115)

Alguns ainda defendem o aborto com o argumento de que existem certos números de dias em que o feto não pode ser considerado pessoa humana, e, por isso, pode ser descartado. Entretanto, a vida humana nasce:

A partir do momento em que o óvulo é fecundado, inaugura-se uma nova vida que não é a do pai nem a da mãe, mas sim a de um novo ser humano que se desenvolve por conta própria. Nunca mais se tornaria humana, se não o fosse já desde então. A esta evidência de sempre (...) a ciência genética moderna fornece preciosas confirmações. Demonstrou que, desde o primeiro instante, se encontra fixado o programa daquilo que será este ser vivo: uma pessoa, esta pessoa individual, com as suas notas características já bem determinadas. Desde a fecundação, tem início a aventura de uma vida humana, cujas grandes capacidades, já presentes em cada uma delas, apenas exigem tempo para se organizar e encontrar prontas a agir. (JOÃO PAULO II, 1995, p. 119)

A Igreja sempre defendeu a pessoa humana, principalmente por aqueles que não podem responder por si. Mesmo diante dos debates políticos e científicos, ela defende o valor humano e a sua dignidade, logo deve ser respeitado, respeitado como uma pessoa, desde o seu nascimento. Assim, caminhar contra os mandamentos divinos, não alcançará a vida plena e, ao mesmo tempo, é incompatível com o amor a Deus e com a dignidade humana.

Ao respeitar o mandamento “não matarás”, quem o fizer estará vinculado com o cuidado da vida e com o amor. Deus confia a vida humana para outras pessoas cuidarem. O maior exemplo disso é a de Jesus Cristo, gerado no ventre de Maria, que cresceu e serviu somente à humanidade. É preciso amar, respeitar e promover a vida de cada irmão, servindo uns aos outros, de uma forma que promova uma nova cultura de vida em nosso tempo, mesmo diante de tantas dificuldades que fazem com que o valor e a dignidade humana contrariem esse mesmo valor e essa mesma dignidade.

2.6 Conclusão

A vida humana passa a acontecer por meio das mãos do Pai, que está repleto de amor e de bondade. Deus, no seu coração, quer compartilhar as suas boas

intenções para as pessoas e, assim, nascem o homem e a mulher, como imagem e semelhanças d'Ele. Essas pessoas são automaticamente confiadas a zelarem e cuidarem de todas as obras de Deus.

Entretanto, a pessoa tende a ser seduzida pelas forças do mal, destruindo o significado e o valor inerente a si mesma. A incerteza surge, gerando a diferença e o preconceito; a imagem do homem torna-se ofuscada, impedindo de ver a sua essência que surgiu do amor de Deus. Diante disso, a pessoa acaba valorizando os seus próprios interesses, pois o mundo se torna um ambiente de guerras, no qual, todos precisam sobreviver. O individualismo torna-se real, como única maneira de viver nesse mesmo mundo.

Diante desses fatos, é possível ressaltar que os direitos também mudam o seu significado, trazendo o foco para a própria vontade. Dessa forma, perde-se a defesa do outro e favorece somente a si. Logo, situações que eram consideradas inválidas, como, por exemplo, o aborto, começam a ser interpretadas como direito. Assim, aqueles que não podem responder pela própria vida, perdem o seu valor. O significado que surge no interior do ser humano, ao ser criado por Deus, diante de toda a sua bondade e esperança, perde sua definição, surgindo, para cada um, um conceito próprio.

Jesus, como modelo de pessoa humana, apresenta como a sociedade pode agir diante dessas situações problemáticas ao se entregar totalmente para que todos possam ter a vida eterna. Ao ouvirem sobre as palavras de vida, as pessoas estão entendendo a sua primeira vocação: responsabilizar-se pela criação de Deus, entre elas, o ser humano. Todos têm este compromisso: amar o próximo como Jesus amou, isto é, lutar para que aquele que sofre volte a ter o seu direito à vida, à sua dignidade.

A palavra fundamental que define essa dignidade é amor. Olhar para o próximo com amor é penetrar no coração dele e compreender que também existe o seu valor, por vir do mesmo Pai; é enxergar sem julgamento e sem preconceito, sabendo que os erros não definem as pessoas, mas o que define é o seu coração. Jesus deu atenção a todos os que não eram ouvidos, curou os doentes, amou os esquecidos. Uma obra perfeita que faz cada um entender que todos são iguais.

3 A INCIDÊNCIA SOCIAL DA DIGNIDADE

3.1 Introdução

A pessoa humana deve encontrar a sua dignidade, o seu valor e o seu direito por meio das dimensões humanas que o mundo apresenta. Infelizmente, muitas vezes é colocada de forma reduzida e quase impossível de ser vista, fazendo com que as pessoas trabalhem e batalhem para serem reconhecidas, compreendidas e respeitadas. Desse modo, o ser humano, diante de suas ações e posicionamentos que remetem à justiça, deve seguir o Evangelho que Jesus proclamou, fazendo para si uma força inspiradora que surge pelo próprio Pai, recebendo força, coragem e principalmente amor, para enfrentar as barreiras que enfraquecem a vida humana.

Diante de diversas problemáticas presentes na vida da pessoa, a sociedade deve ser motivada pelas palavras de vida de Jesus para entender a sua vocação que todos são ser filhos de Deus; logo, é fundamental que todos tenham como foco principal o significado da vida humana. Nesse viés, o ser humano deve buscar o seu sentido por meio das realidades que fazem parte da sua vida, como, por exemplo, no trabalho, que deve ser interpretado como modo de entender a sua vocação e expressar os seus direitos humanos.

Nesse sentido, este capítulo tem a finalidade de fazer uma reflexão de como o trabalho humano está sendo organizado de um modo da pessoa humana demonstrar a sua dignidade e, também, de como o seu direito está sendo defendido diante de um espaço de relação com o outro. Nesse sentido, o objetivo é compreender como o mundo está se desenvolvendo, tanto na economia quanto na política, que são fontes de colaboração da dignidade humana.

Desse modo, este capítulo apresenta o pensamento de João Paulo II sobre a dignidade, demonstrando uma análise da condição humana a partir do trabalho, da economia, da política, do desenvolvimento humano e de tudo o que se envolve na sociedade. Além disso, também tem o objetivo de revelar respostas, por meio do pensamento da Igreja, para as problemáticas que interferem na concepção da dignidade humana.

João Paulo II, diante de sua vida marcada por vários momentos importantes, difíceis e de superação, principalmente sobre a questão do trabalho humano, apresenta uma reflexão sobre o trabalho diante do significado da vida, por estar

sempre em evolução e, ao mesmo tempo, uma forma de gerar positivamente ou negativamente a integridade humana. Por este motivo, é fundamental destacar o trabalho como meio de compreender a sua dignidade.

Além disso, pode-se encontrar no ambiente condições políticas, econômicas e tecnológicas que fazem parte dessa estrutura da dignidade humana, e, muitas vezes, essas condições são desafios que exigem uma reflexão, uma reestruturação desses sistemas para que não se tornem barreiras para o direito humano. Por isso, a Igreja sempre se manifestou diante dessas dificuldades, ajudando a trazer a importância do trabalho como fonte da dignidade humana.

Nesse sentido, a missão da Igreja é sempre promover o valor humano e os seus direitos diante do desenvolvimento. Por isso, João Paulo II apresenta uma reflexão sobre a questão econômica, a diversidade social, o consumo material e a política, sendo as dificuldades encontradas no mundo. João Paulo II delineia uma solicitude voltada para a assistência ao outro, ou seja, para aqueles que passam por necessidade, que continuam se desenvolvendo.

Além dessa preocupação, João Paulo II demonstrara a dignidade humana em uma perspectiva diante dos aspectos políticos e econômicos que se fazem presentes na realidade humana, que devem ser priorizados para destacar a dignidade e os direitos do ser humano.

Por fim, este último capítulo, tem em vista apresentar algumas obras utilizadas por João Paulo II, trazendo uma reflexão sobre as problemáticas encontradas durante o seu tempo de vida e principalmente no seu pontificado. Além de, também, apresentar o significado da dignidade humana e a sua importância diante das realidades presentes na vida do ser humano, como no trabalho, na política, na economia e nas dimensões que são importantes para facilitar a vida da pessoa.

3.2 A dignidade humana e o trabalho

Quando se trata sobre a dignidade humana, é necessário compreender todo o espaço que ela está presente: no trabalho, na política, na educação e entre outros; pois esses espaços precisam estar voltados para o direito humano, para a sua segurança, para o respeito e na participação na sociedade. Desse modo, João Paulo II reflete o como esses ambientes estão contribuindo para o valor da vida.

O Papa João Paulo II, juntamente com a Igreja, possuem uma preocupação com o tema do trabalho humano como provedor da dignidade humana. Essa questão social reflete sobre realidades em que existem a desigualdade e a injustiça⁷. A Igreja, como a missão de proclamar o Evangelho, de promover a justiça e a caridade no mundo, possui, diante disso, a consciência de procurar resolver esses problemas.

O trabalho humano não é somente uma questão, uma atividade necessária para a sobrevivência material, mas fundamental para promover o bem-estar humano. Nesse sentido, é importante compreender o significado do valor e da dignidade humana diante do trabalho, como lugar que possa despertar esse sentido e, ao mesmo tempo, solucionar momentos que proclamam a imagem do homem, como figura de respeito e de valor.

Como diz o João Paulo II:

Ao voltarmos no presente documento uma vez mais a este problema — sem ter a intenção, aliás, de tocar todos os temas que lhe dizem respeito — não é tanto para coligir e repetir o que já se encontra contido nos ensinamentos da Igreja, mas sobretudo para pôr em relevo — possivelmente mais do que foi feito até agora — o facto de que o trabalho humano *é uma chave*, provavelmente *a chave essencial*, de toda a questão social, se nós procurarmos vê-la verdadeiramente sob o ponto de vista do bem do homem. E se a solução — ou melhor, a gradual solução — da questão social, que continuamente se reapresenta e se vai tornando cada vez mais complexa, deve ser buscada no sentido de « tornar a vida humana mais humana », então por isso mesmo a chave, que é o trabalho humano, assume uma importância fundamental e decisiva. (JOÃO PAULO II, 1981, n. 3).

Ao tratar sobre o trabalho humano, João Paulo II destaca que, não somente a Igreja, mas também diversas disciplinas acadêmicas o definem como algo fundamental para a humanidade. Isso surge a partir da própria palavra de Deus, presente no Livro de Gênesis, em que Ele apresenta ao homem o seu objetivo diante da sua criação na terra, que é colaborar e zelar pelo seu projeto de salvação, dando-lhe a responsabilidade e não apenas o trabalho. (Gn. 1, 28)

Com a inteligência do homem, ao longo da história, o trabalho braçal passou a ser um trabalho com transformações tecnológicas que acabaram interferindo na dignidade humana. Desde a Revolução Industrial os avanços tecnológicos trouxeram um grande desempenho com o objetivo cada vez mais importante. Contudo, ao

⁷ As injustiças que existem diante da realidade do trabalho são: as condições precárias ao trabalhador, exploração, salários injustos, preconceitos, saúde dos trabalhadores. João Paulo II denuncia esses problemas e defende a dignidade humana, pedindo a melhora dessas condições de trabalho, respeitando os direitos e promovendo a justiça dos trabalhadores.

melhorar o trabalho do homem, surgem desafios que perdem o serviço humano e o seu processo produtivo.

O ser humano, designado a exercer o seu domínio sobre a terra, distingue-se pela sua capacidade racional de tomar decisões autônomas. Como imagem e semelhança de Deus, torna-se o motor do trabalho, a atividade pela qual cumpre a sua vocação: a busca incessante pela realização da própria humanidade, realização essa que se materializa no contexto do trabalho, no qual o homem expressa a sua criatividade, a sua dignidade e o seu potencial, contribuindo assim para a construção da sociedade e para a realização da própria essência.

Assim, a “dominação” mencionada no texto bíblico que estamos considerando não se refere apenas à dimensão objetiva do trabalho, mas também nos introduz à compreensão da dimensão subjetiva. O trabalho, entendido como o processo pelo qual o homem e a humanidade dominam a terra, só pode corresponder a este conceito fundamental da Bíblia enquanto, ao longo deste processo, o homem se manifesta e se confirma como aquele que “domina”. Esta dominação, de certa forma, diz respeito mais à dimensão subjetiva do que à dimensão objetiva; esta dimensão condiciona a própria natureza ética do trabalho. É inegável que o trabalho humano tem um valor ético intrínseco, diretamente ligado ao fato de quem o realiza ser uma pessoa, um sujeito consciente e livre, capaz de decidir por si mesmo. (JOÃO PAULO II, 1981)

Contudo, João Paulo II ressalta que existe uma grande ameaça, uma corrente de pensamento, que coloca a pessoa humana como um objeto de trabalho, um instrumento de produção, perdendo o sentido que o homem deve ser reconhecido como verdadeiro criador e protagonista do trabalho. Nesse sentido, o capitalismo continua sendo uma ameaça à dignidade humana diante da realidade do trabalho, pois o seu sentido é eliminar o valor humano e transferir para a mercadoria e para o lucro, tornando a exploração humana como recurso.

Necessário prosseguir a interrogar-se sobre o sujeito do trabalho e sobre as condições da sua existência. Para se realizar a justiça social nas diversas partes do mundo, nos vários países e nas relações entre eles, é preciso que haja sempre novos movimentos de solidariedade dos homens do trabalho e de solidariedade com os homens do trabalho. Uma tal solidariedade deverá fazer sentir a sua presença onde a exigam a degradação social do homem-sujeito do trabalho, a exploração dos trabalhadores e as zonas crescentes de miséria e mesmo de fome. A Igreja acha-se vivamente empenhada nesta causa, porque a considera como sua missão, seu serviço e como uma comprovação da sua fidelidade a Cristo, para assim ser verdadeiramente a « Igreja dos pobres ». E os « pobres » aparecem sob variados aspectos; aparecem em diversos lugares e em diferentes momentos; aparecem, em

muitos casos, como um resultado da violação da dignidade do trabalho humano: e isso, quer porque as possibilidades do trabalho humano são limitadas — e há a chaga do desemprego — quer porque são depreciados o valor do mesmo trabalho e os direitos que dele derivam, especialmente o direito ao justo salário e à segurança da pessoa do trabalhador e da sua família. (JOÃO PAULO II, 1981, n. 8).

A dignidade humana, apesar da fadiga do ser humano diante do seu esforço no trabalho, não diminui a sua importância. Além disso, o trabalho pode ser exercido individualmente, mas também pode estar ligado intrinsecamente à comunidade e à família. O trabalho não é apenas uma forma de obter lucro ou renda para a pessoa que realiza, mas é importante também para a sustentação no ambiente familiar. O homem, além de satisfazer as suas próprias necessidades, também deve contribuir para o bem-estar dos seus entes ao prover comida, moradia e educação.

Nesse viés, é fundamental promover uma educação para novas gerações que irão participar dessa realidade do trabalho, demonstrando a importância de compreender a responsabilidade e o valor que existe nesse lugar. Por isso, a família deve cuidar para que os filhos possam aprender os princípios éticos e morais fundamentais para a vida humana, e não somente ensiná-los as questões práticas e produtivas. É preciso que a dignidade humana esteja presente por meio do trabalho.

Esse pensamento positivo que o trabalho demonstra, como meio de entender a dignidade humana, é também uma base que deve ser usada para se buscar os direitos humanos refletidos em declarações internacionais e legislações trabalhistas. O evangelista Lucas deixa claro sobre isto: “o operário é digno de seu trabalho”, destacando ser preciso ver a dignidade humana no trabalho, diante da justiça para todos os trabalhadores.

Todavia, surgiram conflitos ao longo da história, que prejudicaram a dignidade no trabalho na era da industrialização. Essa desavença aconteceu entre o embate do mundo capitalista e do mundo dos trabalhadores, gerando uma luta de classes, dando origem a ideologias como o liberalismo e o marxismo. O liberalismo⁸ buscava o capitalismo, ou seja, procurava somente o lucro utilizando os próprios trabalhadores; e o marxismo⁹ buscava a emancipação, ou melhor, o controle dos recursos de produção, os quais seriam compartilhados pela comunidade na sua totalidade.

⁸ Uma doutrina que defende a liberdade do mercado e das pessoas, onde o governo interfere minimamente, criando uma autonomia, e trazendo, através da lei, a igualdade.

⁹ Uma teoria que defende que a sociedade seria melhor sem classes e sem propriedade privada.

João Paulo II deixa claro que o trabalho feito pelo homem não deve ser comparado ao capital, mas é totalmente superior a ele, pois o trabalho surge por meio da própria pessoa, e por ser a causa primária, o capital deve servi-lo como um instrumento. Mesmo com os avanços tecnológicos que aconteceram, o homem foi responsável por trazer esse conhecimento, utilizando, antigamente, dos próprios produtos naturais e até chegar à ciência que está presente atualmente. Portanto, o trabalho e o capital são autônomos e inseparáveis.

Diante disso, existe um problema em separar o trabalho do capital, como duas forças anônimas, pois, segundo o próprio pensador:

Em tal maneira de constatar o problema, existiu o erro fundamental a que se pode chamar erro do « economismo », que se dá quando o trabalho humano é considerado exclusivamente segundo a sua finalidade econômica. Também se pode e se deve chamar a este erro fundamental do pensamento um erro do materialismo, no sentido de que o « economismo » comporta, direta ou indiretamente, a convicção do primado e da superioridade daquilo que é material; ao passo que coloca, direta ou indiretamente, numa posição subordinada à realidade material, aquilo que é espiritual e pessoal (o agir do homem, os valores morais e semelhantes). Isso não é ainda o materialismo teórico, no sentido pleno da palavra; mas, certamente, é já um materialismo prático, o qual — não tanto em virtude das premissas derivantes da teoria materialista, mas sim em virtude de um modo determinado de avaliar as realidades, e, portanto, em virtude de uma certa hierarquia de bens, fundada na atração imediata e mais forte daquilo que é material — é julgado capaz de satisfazer as necessidades do homem. (JOÃO PAULO II, 1981, n. 13).

Ao se discutir o tema sobre o trabalho, é necessário chegar a uma reflexão de como ele pode ser uma fonte de direitos para os trabalhadores e não somente uma obrigação. A busca pelo direito deve ser procurada diante de várias realidades que se passam por toda a humanidade, as quais são proclamadas em diversas instituições protegidas pelo Estado. Buscar entender e defender esse direito é uma forma de trazer paz dentro dessas realidades da sociedade.

Nesse sentido, o trabalho tem um significado importante, por ser uma obrigação e um dever que cada pessoa deve se responsabilizar, pois, além da necessidade humana, é uma ordem divina. O trabalho não está voltado para o sentido econômico, mas se expressa a responsabilidade moral para com as pessoas, as famílias e a sociedade. O trabalho não deve ser visto apenas como precaução contra a exploração e a injustiça, mas simultaneamente como parte de um sistema que reconhece o valor e a dignidade humana no trabalho. (João Paulo II, 1981)

Além de trazer essas questões, João Paulo II apresenta outro desafio presente nesse cenário: o desemprego, ou seja, aqueles que procuram o trabalho para sobreviver. Esse é um problema de alto grau de seriedade, por se tornar uma dificuldade muito grande e se encontrar em várias regiões, tornando-se uma situação injusta que acaba limitando a oportunidade para as pessoas trabalharem, mesmo capacitadas por meio da educação e da experiência para isso. Além disso, João Paulo II mostra a sua preocupação pelos jovens que procuram demonstrar o seu serviço e o seu sustento diante do trabalho, por acabarem muitas vezes desanimados pela dificuldade de encontrar essas oportunidades.

Para isso, João Paulo II sugere que o Estado e as instituições sociais enfrentem essa problemática do desemprego e deixa claro ainda que é necessário acontecer um plano que destaca as habilidades e a importância do trabalho, colocando como o centro disso o direito humano como fundamental para a sociedade. Nesse sentido, é fundamental que a dignidade humana seja o alicerce dessa missão, desenvolvendo a humanidade e trazendo formação necessária para adquirir o emprego. (João Paulo II, 1981).

Outro ponto que é fundamental apresentar, que se encontra atualmente no trabalho, é a sua realização diante de pessoas com deficiência. Por serem pessoas com necessidades especiais, não se excluem o direito à dignidade humana no trabalho. Devem ser respeitados, enfatizando a participação na vida da sociedade e principalmente no trabalho, de uma forma que facilite para essas pessoas a demonstração do seu serviço e dos seus dons. Diante disso, João Paulo II recrimina as formas de discriminação que limitam as pessoas com deficiência a viverem normalmente e principalmente no trabalho:

A pessoa com deficiência é um de nós e participa plenamente da mesma humanidade que nós. Seria algo radicalmente indigno do homem e seria uma negação da humanidade comum admitir à vida da sociedade, e, portanto, ao trabalho, só os membros na plena posse das funções do seu ser, porque, procedendo desse modo, recair-se-ia numa forma grave de discriminação, a dos fortes e sãos contra os fracos e doentes. O trabalho no sentido objetivo deve ser subordinado, também neste caso, à dignidade do homem, ao sujeito do trabalho e não às vantagens econômicas. (JOÃO PAULO II, 1981, n. 22).

Para viverem normalmente como filhos adotivos de Deus, com o seu valor humano e a sua dignidade, as entidades no mundo do trabalho têm como obrigação proporcionar direitos às pessoas com deficiência a se prepararem e trabalharem

diante de seus esforços; devem proporcionar condições físicas e psicológicas, eliminando qualquer tipo de dificuldade que limite a pessoa de chegar aos seus objetivos; e, assim, auxiliarão essas pessoas a se sentirem integradas no mundo e no trabalho, demonstrando o respeito e a dignidade humana.

A Igreja tem em vista enfatizar o seu papel em ressaltar o trabalho humano como uma ação pessoal que envolve inteiramente a pessoa, tanto física quanto espiritualmente. Além de aproximar o indivíduo a Deus no trabalho, ajuda a compreender essa espiritualidade assumindo, como pessoa humana, a sua vocação. A dificuldade presente no trabalho remete ao suor e à fadiga que Jesus passou na cruz, quando colaborou com a redenção da humanidade. O trabalho é algo ontologicamente essencial no ser humano, sem o qual não realiza a humanidade. Isso se afirma em São Paulo: “quem não quer trabalhar também não há de comer” (2 Ts 3, 10). O trabalho realiza o ser humano, é uma forma de ajudar, ser parceiro na criação, como co-criador, como aquele que leva adiante a continuação da criação.

3.3 A dignidade humana e a solidariedade global

João Paulo II apresenta uma preocupação com a totalidade da humanidade no tempo presente principalmente por aqueles que passam por dificuldade na vida. Além disso, demonstra reconhecer a dimensão mundial e destaca o progresso humano e a solidariedade. Desse modo, o seu desejo é trazer a justiça, paz e o desenvolvimento espiritual e o bem-estar humano para a sociedade.

A dignidade humana perde o seu significado diante das desigualdades e das misérias que estão presentes no mundo. Existe uma grande diferença entre os países desenvolvidos e os países em desenvolvimento, principalmente as desigualdades nesses lugares. Encontram-se diversas pessoas que estão sofrendo diante da pobreza, perdendo a sua dignidade com pessoas de valores e direitos. Diante desse desenvolvimento que se encontra em vários países, compreende-se que cada uma delas possui destinos diferentes, gerando um “mundo” próprio, desigualando-se com o dos outros. João Paulo II destaca essa disparidade:

Ao se olhar para as várias partes do mundo, separadas pela crescente distância desse fosso, e quando se observa que cada uma delas parece seguir um rumo próprio, com as suas realizações particulares, compreende-se a razão por que na linguagem corrente se fala de mundos diferentes, dentro do nosso *único mundo*: Primeiro Mundo, Segundo Mundo, Terceiro

Mundo e, algumas vezes, Quarto Mundo. Expressões como estas, que não pretendem, por certo, classificar exaustivamente todos os países, não deixam de ser significativas: são o sinal da sensação difundida de que a *unidade do mundo*, por outras palavras, a *unidade do gênero humano*, está seriamente comprometida. Esta maneira de falar, para além do seu valor mais ou menos objetivo, encobre sem dúvida um *conteúdo moral*, diante do qual a Igreja, que é «sacramento ou sinal e instrumento... da unidade de todo o gênero humano»,] não pode ficar indiferente. (JOÃO PAULO II, 1977, p. 22).

Além da pobreza que se encontra diante dessas realidades em cada país, não se pode esquecer que existe a problemática da falta de recursos materiais, dos aspectos culturais, políticos e humanos. A causa dos agravamentos abordados são encontradas pelas próprias nações, países que trazem a desigualdade econômica e social. Ao invés de eles se responsabilizarem por trazer a justiça e a igualdade, elaboram mecanismos econômicos e financeiros voltados para o próprio interesse. Perde-se, assim, o desenvolvimento verdadeiramente humano e a dignidade humana.

Diante dessa fragmentação do “mundo”, que é evidentemente colocada como mecanismos de perversidade, não acompanhada pela ética, geram riscos até mesmo em países desenvolvidos. Pode-se observar que, em países ricos, existem sintomas com características de um subdesenvolvimento com crise habitacional e com desemprego ao encontrar uma sociedade com a dificuldade de sobreviver sem um abrigo adequado. Desse modo, cria-se um questionamento de como está sendo gerado esse tipo de desenvolvimento nas últimas décadas.

Para que essas problemáticas se resolvam, é necessário ocorrer uma atualização política e econômica, que busca um desenvolvimento que leva toda a humanidade a uma vida melhor e prática. Uma solidariedade que possa, de fato, abraçar todo o sujeito presente no mundo excluído. Os países desenvolvidos devem contribuir eficaz e totalmente desinteressados aos países que ainda passam pelo desenvolvimento.

A solidariedade acontece quando os países desenvolvidos se responsabilizam em auxiliar os países pobres, colocando o que possuem para o bem comum. Entretanto, não significa que os países mais fracos não devem buscar pelos seus direitos, mas lutarem para mostrar a dignidade e o valor que possuem.

Além dessas complicações, João Paulo II apresenta a preocupação no problema demográfico que afeta várias regiões do mundo. Na zona Sul do planeta, existe um grande crescimento populacional; por outro lado, no Norte encontra-se uma baixa taxa de natalidade, evidenciando-se um obstáculo para o desenvolvimento.

Contudo, não significa que o crescimento demográfico é prejudicial ou que a complicação do desenvolvimento está nesse crescimento.

Diante desse cenário, um fato preocupante é encontrar, em vários países, propagandas contra a natalidade, que, muitas vezes, são incentivadas pelo próprio governo e financiadas por capitais estrangeiros, criando uma limitação de grande proporção na liberdade de cada indivíduo, gerando o preconceito, o racismo e a discriminação, principalmente em regiões pobres.

Por outro lado, diante do desenvolvimento global, encontram-se pontos positivos, pois observa-se que há muitas pessoas e associações privadas com a consciência de ajudar cada vez mais a transparecer a dignidade humana e os direitos humanos no mundo, buscando o respeito e rejeitando todas as violações que contrariam o valor da pessoa. Esse tipo de consciência deve ser gerado não somente pelas pessoas, mas pelas nações, a fim de valorizar tudo aquilo que compete ao indivíduo. Para que a paz e o desenvolvimento caminhem juntos é primordial a participação de todos, buscando o fim do preconceito, do egoísmo e promovendo o bem comum. Além disso, é fundamental a presença de líderes políticos, economistas, cientistas, que, inspirados pelo amor de Deus, possam trazer soluções para os problemas globais e levar a paz e o desenvolvimento aos seres humanos.

Diante da visão econômica, a acumulação de bens e serviços não representam uma felicidade humana. Mesmo com o desenvolvimento científico e tecnológico, não significa que o ser humano possa ser feliz, mas é a intenção moral e o bem-estar humano que leva a esse destino. O desejo de possuir mais e melhor pode resultar muitas vezes em materialismo e insatisfação, deixando de lado a insuficiência no seu interior.

E então, eis o quadro: há aqueles — os poucos que possuem muito — que não conseguem verdadeiramente «ser», porque, devido a uma inversão da hierarquia dos valores, estão impedidos pelo culto do «ter»; e há aqueles — os muitos que possuem pouco ou nada — que não conseguem realizar a sua vocação humana fundamental porque estão privados dos bens indispensáveis. O mal não consiste no «ter» enquanto tal, mas no facto de se possuir sem respeitar a qualidade e a ordenada hierarquia dos bens que se possuem. Qualidade e hierarquia que promanam da subordinação dos bens e das suas disponibilidades ao «ser» do homem e à sua verdadeira vocação. (João Paulo II, 1977, p. 30).

O desenvolvimento humano não deve ser pensado somente na questão econômica, mas também na integridade da pessoa humana. Não se pode deixar

esquecer que o homem é criado à imagem e semelhança de Deus, chamado a cuidar e zelar pela criação. Ao contrariar o desenvolvimento humano, está, ao mesmo tempo, deixando de lado a vontade divina, pois Jesus deixa claro que a missão de todos é responsabilizar-se em concretizar frutos aos dons que todos recebem, destacando a fundamental obra de Deus que confia na humanidade. (Mt 25, 26-28)

Além disso, o desenvolvimento humano é um dever que cabe a todos, ou seja, é uma vocação que nasce em todos os corações. Assim, a Igreja tem a preocupação de lembrar dessa missão de que todos são responsáveis. Essa tarefa leva o ser humano a entender que o outro é fundamental, que possui dignidade e direito. Desse modo, Deus quer transformar o ser humano de uma forma que possa participar do seu projeto salvífico. Essa participação traz o significado do desenvolvimento: respeitar e promover as dimensões que remetem à vida humana, pessoal, social, econômica e política. (João Paulo II, 1977)

Convém salientar que ao ter um desenvolvimento voltado para a economia, para o lucro e para material, perdem-se as exigências morais, culturais e espirituais, ou seja, a dignidade humana. Por isso, é importante elaborar um plano para cada nação que priorize um desenvolvimento voltado para o respeito e o direito humano. É primordial um projeto que traz a identidade da pessoa, de cada povo, fazendo com que todos possam participar desse processo (João Paulo II, 1977).

Para o desenvolvimento integral agir de forma correta e respeitosa, não pode somente se basear na economia, mas principalmente na política, em que se têm as decisões que podem favorecer o desenvolvimento. A política deve ser utilizada para apoiar e facilitar o processo de um desenvolvimento que traz o direito humano como matriz. Entretanto, é, infelizmente, implementada como um meio de se obter bens materiais, facilidades e poderes na vida para si mesmo, desconsiderando o propósito de servir o próximo. A política acaba proporcionando atitudes que priorizam os interesses individuais sobrepondo-os aos da sociedade. Ao adentrar no ambiente político, ganha-se uma liberdade, direito de colocar os seus próprios interesses, que muitas vezes não estão associados à solidariedade, gerando um conflito entre o poder político e a responsabilidade comum. Em consequência, criam uma abertura ao pecado, pois o egoísmo e a indiferença prevalecem, contaminando o direito humano.

João Paulo II enfatiza que o mundo dividido por ideologias rígidas e formas de imperialismo, acabam se submetendo ao pecado.

O conjunto dos fatores negativos, que agem em sentido contrário a uma verdadeira consciência do bem comum universal e à exigência de o favorecer, dá a impressão de criar, nas pessoas e nas instituições, um obstáculo difícil de superar. Se a situação atual se deve atribuir a dificuldades de índole diversa, não será fora de propósito falar de «estruturas de pecado», as quais, como procurei mostrar na Exortação Apostólica *Reconciliatio et Paenitentia*, se radicam no pecado pessoal e, por consequência, estão sempre ligadas a atos concretos das pessoas, que as fazem aparecer, as consolidam e tornam difícil removê-las. E assim, elas reforçam-se, expandem-se e tornam-se fontes de outros pecados, condicionando o comportamento dos homens. (JOÃO PAULO II, 1977, p. 66).

Para superar esses impasses, é essencial a conversão de cada pessoa responsável por determinar as medidas que levam ao desenvolvimento humano como primordial para a sociedade. Os corações e as atitudes devem ser modificados iguais aos de Jesus, uma ação que proporciona uma solidariedade, um serviço e uma doação completa. Assim, pode superar o egoísmo e a diferença, levando como um método fundamental que é o próprio Evangelho. A conversão leva a pessoa a olhar para o outro, não como instrumento, mas como irmão que veio do mesmo Criador.

A missão da Igreja é elevar a dignidade humana para toda a humanidade. Por meio da doutrina social, a Igreja direciona todas as pessoas a andarem no caminho do Evangelho, fazendo com que observem o amor como instrumento para o desenvolvimento. Além disso, luta para que a sociedade que vive diante da injustiça possa ser ouvida e respeitada, colocando as suas necessidades e o seu direito como prioridade. Desse modo, a responsabilidade é assumida como vocação dada por Deus, que ama e protege os que sofrem. Por isso, o ser humano tem essa missão de levar a todos os irmãos que ainda vivenciaram esse amor.

3.4 Dignidade humana e a justiça social

Ao conversar sobre o tema da dignidade humana e o seu valor, deve-se lembrar da justiça social, ou seja, entender que a pessoa deve ser respeitada e ajudada em várias condições para se ter uma vida digna, como educação, justiça, moradia, emprego e saúde. Além disso, é preciso lembrar que muitas pessoas passam por dificuldades por não serem ouvidas e por desejarem o seu direito humano. Muitas desigualdades estão presentes nas regiões, gerando conflitos e preconceitos que levam muitas vezes à morte. Nesse sentido, João Paulo II observa a dignidade humana diante do pensamento social, destacando o papel fundamental da política, da economia e da cultura.

João Paulo II apresenta um problema sobre a organização social como a proposta pelo socialismo, na qual, no tempo de Leão XIII, era somente voltado para a filosofia do que um movimento, definindo como a supressão da propriedade privada (JOÃO PAULO II, 1991).

Nesse sentido, mediante os documentos apresentados por João Paulo II, percebe-se que existe um erro antropológico do socialismo. Segundo ele:

De facto, ele considera cada homem simplesmente como um elemento e uma molécula do organismo social, de tal modo que o bem do indivíduo aparece totalmente subordinado ao funcionamento do mecanismo económico-social, enquanto, por outro lado, defende que esse mesmo bem se pode realizar prescindindo da livre opção, da sua única e exclusiva decisão responsável em face do bem ou do mal. (JOÃO PAULO II, 1991, n. 14).

Portanto, a pessoa passa a ser simplesmente como um objeto de relação com o outro e perde o seu significado de agente moral autônomo, que possui as suas vontades e desejos. Essa concepção distorcida da pessoa humana interfere no entendimento do direito, ao mesmo tempo, da liberdade e da propriedade privada. Por conseguinte, o homem não possui um lugar de escolha, tirando a capacidade de se sustentar, criando algo próprio, diante do seu esforço, tornando-se simplesmente como um trabalhador dependente. Isso dificulta ao homem encontrar a sua dignidade diante do seu próprio trabalho.

A Igreja sempre defendeu a liberdade e o direito da pessoa humana, enfrentando-se juntamente para poderem agir de uma forma que alcance a dignidade humana. Contudo, a liberdade, dada por Deus para o homem, acaba distorcendo o seu real significado quando não utilizada corretamente. Por isso, a Igreja interfere no mau uso da liberdade por levá-la muitas vezes ao egoísmo.

João Paulo II deixa claro que é fundamental que a pessoa lembre de onde surgiram todos os bens. No livro de Gênesis, encontra-se a responsabilidade que o próprio criador deu ao ser humano, pedindo para que cuidasse de tudo aquilo que estava com ele. Portanto, ao cuidar de tudo aquilo gerado no amor de Deus, é primordial continuar levando também para as futuras gerações, tendo acesso a esses bens. Ao utilizar o trabalho para compreender a sua dignidade, é importante lembrar que tudo que possui é do próprio Deus. (João Paulo II, 1991)

A pessoa deve lutar contra um sistema econômico que elimina essa responsabilidade do cuidado e da dignidade humana. A solução para isso não é o

socialismo, mas trazer como prioridade o bem-estar de todas as pessoas, deixando de lado o lucro, como a matriz do sistema. Por isso, é dever de toda a sociedade quebrar essa barreira que impede encontrar um mercado e uma economia justa, favorecendo todas as pessoas. (João Paulo II, 1991)

Está bem claro que muitos desejam ter uma vida tranquila e satisfatória. Contudo, é preciso observar como essa vida é adquirida diante da realidade que as pessoas estão vivendo. Um modo que encontram para obterem essa vida é a partir do consumismo¹⁰.

Individuando novas necessidades e novas modalidades para a sua satisfação, é necessário deixar-se guiar por uma imagem integral do homem, que respeite todas as dimensões do seu ser e subordine as necessidades materiais e instintivas aos interiores e espirituais. Caso contrário, explorando diretamente os seus instintos e prescindindo, de diversos modos, da sua realidade pessoal consciente e livre, podem-se criar hábitos de consumo e estilos de vida objetivamente ilícitos, e frequentemente prejudiciais à sua saúde física e espiritual (JOÃO PAULO II, 1991, n. 36).

Muitos devem se responsabilizar em combater qualquer tipo de fenômeno que apague o significado da vida humana. Um dos poderes que auxiliam construtivamente é o Estado, no qual se encontram leis justas para proteger o direito humano. Contudo, o totalitarismo¹¹ interfere nesse significado.

o totalitarismo, o qual, na forma marxista-leninista, defende que alguns homens, em virtude de um conhecimento mais profundo das leis do desenvolvimento da sociedade, ou de uma particular consciência de classe, ou por um contacto com as fontes mais profundas da consciência coletiva, estão isentos de erro e podem, por conseguinte, arrogar-se o exercício de um poder absoluto. Acrescente-se que o totalitarismo nasce da negação da verdade em sentido objetivo: se não existe uma verdade transcendente, na obediência à qual o homem adquire a sua plena identidade, então não há nenhum princípio seguro que garanta relações justas entre os homens. Com efeito, o seu interesse de classe, de grupo, de nação contrapõe-nos inevitavelmente reciprocamente. Se não se reconhece a verdade transcendente, triunfa a força do poder, e cada um tende a aproveitar-se ao máximo dos meios à sua disposição para impor o próprio interesse ou opinião, sem atender aos direitos do outro. Então, o homem é respeitado apenas enquanto for possível instrumentalizá-lo no sentido de uma afirmação egoísta (João Paulo II, 1991, n 44)

João Paulo II enfrentava o totalitarismo, pois negava a transcendente dignidade humana, defendendo que a pessoa é a imagem e semelhança de Deus invisível, e,

¹⁰ Consumismo é o desejo de sempre quer mais, mesmo não necessitando, voltado para o desejo de status e de satisfação pessoal.

¹¹ Um sistema político que controla todos os aspectos da vida pública e privada.

por isso, o seu valor e direito não podem ser violados, independentemente do contexto social ou político. Além disso, defendia a democracia como uma participação de todas as pessoas, respeitados os seus direitos humanos. Toda a atividade humana que possa recuperar todos os valores da pessoa deve ser trabalhada juntamente com o outro

A Igreja sempre defendeu a vida humana, não para demonstrar o seu poder e a sua autonomia, mas como o princípio do Evangelho. A pessoa nasce a partir do coração de Deus, por isso, a Igreja tem o dever de promulgar esse valor para toda a sociedade, ajudando a compreender como encontrar esse carinho e o amor Dele. Nesse sentido, para poder chegar a isso, a via que se tem é o próprio homem. Além disso, a Igreja sempre enfrentou movimentos, desafios e fenômenos que contradizem o Evangelho da vida. Essa missão se prolonga atualmente, buscando sempre promover a comunidade, a solidariedade e o bem-estar de todos.

O amor de Jesus, por nós, é o mesmo amor do Pai por ele. Ele amou com o mesmo amor que o Pai o amou, amor que transborda na alegria, na comunhão e na missão, amor que leva a produzir frutos, que gera comunidade de irmãos. “Se obedecerem aos meus mandamentos, permanecerão no meu amor” (Jo 15, 10-14). Amor que é prática libertadora e que traduz as mesmas obras de Deus, que não faz acepção de pessoas. Todo aquele que o temem e pratica a justiça Ihe é agradável, amor que não é propriedade de um povo, mas que abraça a todos, universal.

3.5 Conclusão

A dignidade humana deve ser encontrada em qualquer dimensão em que esteja ligada à vida da pessoa, como no trabalho, na política, na economia, em tudo que pode e que deve auxiliar o valor e o direito humano, evitando barreiras e propagando a justiça e a paz. Nesse sentido, João Paulo II nos apresenta o conceito de dignidade humana tratando essa concepção como o valor principal a partir de tudo o que envolve a pessoa humana.

Nesse viés, pode-se destacar o trabalho como espaço de encontro com a vocação humana, ou seja, com a consciência de ser criatura de Deus, com a responsabilidade de cuidar da sua criação. Assim, o homem tem o direito de exercer o seu trabalho para demonstrar os seus dons, determinações, ideias e a sua responsabilidade confiada.

O ser humano deve viver em comunidade, com pessoas distintas que vivem e pensam de formas diferentes, mas que caminham unidamente em prol de um trabalho que destaca a vida da pessoa como primordial. A solidariedade no trabalho é uma forma fundamental de exercer a sua vocação de maneira próxima com os irmãos, enfrentando os desafios que impedem a visão de valor e do direito, como uma política injusta voltada para o egoísmo, uma economia focada somente na produção, tudo que utilize o ser humano como meio de conseguir produto ou lucro.

A política deve ser utilizada como uma maneira principal de se conseguir os direitos humanos, por estar orientada para o bem-estar da sociedade, garantindo um funcionamento eficiente e justo para todas as pessoas. Além disso, deve favorecer recursos e soluções para todas as pessoas que passam por dificuldades em todas as dimensões, mostrando ser possível estruturar para uma vida digna com os direitos.

Ademais, a economia possui também um papel importante para o desenvolvimento humano, contribuindo para o acesso ao trabalho, à saúde e ao conforto para todos. Não deve ser utilizada como princípio de obter lucro, gerando um modelo de vida ao consumismo e escravizando o ser humano. A pessoa somente terá liberdade quando for ela mesma, tendo o seu respeito e o seu direito, pois, também, assim, funciona com a sociedade.

A Igreja acredita na liberdade humana por fazer parte da vida do ser humano. Por isso, sempre enfrentou tudo aquilo que atrapalha o desenvolvimento, a dignidade, o direito e o valor da pessoa. Apesar de o homem cometer pecado, a Igreja confia nele, por existir em seu interior a bondade que veio por meio do Criador, sendo sua imagem e semelhança. A missão de defender e de promover a dignidade humana é confiada pelo Pai à Igreja e a todas as pessoas.

A vida, ao guardá-la somente para si, extingue-se tristemente nas pessoas e perde o seu significado. Ela é sempre dom, presente na relação com os outros e com o mundo. A alegria de Jesus não consiste em saborear a vida de maneira egoísta. É a alegria de quem dá a vida e sabe criar as condições necessárias para que ela cresça e se desenvolva dignamente, sendo um dos ensinamentos do Evangelho. Somente existe a dignidade humana para quem colabora com um mundo mais feliz. Apenas vive quem faz viver.

CONCLUSÃO

A dignidade humana é um tema fundamental a ser tratado na sociedade para compreender o sentido da vida, de onde surgiu e qual é o seu sentido. Assim, o ser humano, ao compreender o seu significado, pode realocar a sua vida com mais importância diante de uma comunidade, compreendendo em si e colaborando com o próximo para se desenvolver humanamente. Entretanto, usando os exemplos atuais do nosso mundo, preconceitos, destruição moral, violência, injustiça, entre outros, a dignidade humana torna-se obscura, perdendo o seu real sentido.

Conseqüentemente, a vida humana foi diminuindo a sua importância, esquecendo o seu valor que nasceu do amor de Deus. A sua vocação, que é criar e zelar pela criação do Pai, mostrar a partir de si a sua imagem e semelhança foi se perdendo. Nesse sentido, é preciso continuar a missão de Jesus Cristo nessa realidade sombria, manchada pelo pecado. Tarefa que já foi passada para os discípulos, quando Ele entregou o Espírito Santo como instrumento de força e de evangelização. Dessa forma, todos possuem a missão de clarear esse mundo com a presença de Deus.

Ao olhar para o mundo atual, percebe-se que existem situações precárias que os seres humanos estão vivendo. Essas pessoas passam pela fome, desemprego, frio, doenças, fazendo com que a sua dignidade não seja vista nem por essas que passam e nem para aqueles que encontram. Por vezes, devido as circunstâncias cotidianas, o ser humano pode agir preconceituosamente e discriminadamente em relação àqueles que são diferentes, como negros, pobres e outros mais, gerando em si desprezo, não abrindo espaço para a caridade e para a acolhida. Além disso, o próprio sujeito que está sendo ignorado pelo seu próximo perde também o significado da sua vida, da sua dignidade. Eventualmente aparece para eles a desesperança, não tendo mais a intenção de ter uma vida digna e de viver nos seus direitos. O maior exemplo que existe são os moradores de ruas, filhos de Deus, que optam por ter uma vida em situações adversas.

Por isso, é importante o estudo da dignidade humana por meio das cartas encíclicas e da própria vida de João Paulo II. A experiência que ele vivenciou diante das guerras, conflitos, posicionamentos que foram contrários à vida humana, mostra que possui uma bagagem importante para a dignidade humana. Assim, suas atitudes e ações na Igreja Católica assemelham-se com as práticas de Jesus Cristo.

Entretanto, ao analisar o pensamento de João Paulo II, pode-se observar algumas limitações que, por vezes, não estão alinhadas com a realidade para os dias atuais. Embora apresente temas importantes para a sociedade e para a dignidade, compreende que essas ideias são quase impossíveis de aplicar em contextos atuais. As suas ideias podem ser interpretadas como utópicas, que somente são executadas por meio do muito esforço que exigem das pessoas para que possam se concretizar na sociedade.

Um dos desafios presentes na atualidade é apresentar o trabalho humano como espaço de se encontrar como indivíduo juntamente com o próximo, pois, o foco que está sendo inserido e, por vezes, ensinado, é direcionado ao lucro e satisfação pessoal. Assim, cria-se uma grande dificuldade, de maneira prática, de como pode solucionar esses conflitos que barram a importância do trabalho como lugar de autoconhecimento, de relação do próximo e dignidade humana.

Todavia, João Paulo II faz uma reflexão profunda sobre as realidades que a sociedade está vivendo. Trazem questionamentos sobre como o mundo está funcionando e como está agindo diante de situações desafiadoras que impossibilitam a cada ser humano viver a sua dignidade e os seus direitos. Além disso, proporciona uma visão inspiradora por meio do Evangelho, fazendo com que a esperança esteja presente, gerando a vontade de buscar compreender o seu significado de vida. Além do mais, criar um olhar profundo na vida das pessoas, para entender que possuem um valor muito grande e que deve ser voltado para os olhares de todos e para o próprio sujeito.

Ao utilizar o pensamento de João Paulo II para trazer essa visão que restaura a dignidade humana, suscita-se, simultaneamente, a vontade de recuperar quem é essa pessoa. Em outras palavras, recuperar a sua vocação do amor, do sujeito que possui a responsabilidade de gerar vida, de cuidar da criação de Deus, de se aproximar do seu irmão e auxiliar o que for preciso. Todos estão no mesmo rumo, no mesmo destino, mas é preciso chegar até esse ponto todos juntos: “E consideremo-nos uns aos outros, para nos estimularmos ao amor e às boas obras. Não deixemos de reunir-nos uns com os outros, ainda mais quando vocês veem que se aproxima o Dia.”. (Hb 10,24-25)

A vida de João Paulo II pode ser usada como modelo para uma reflexão de tudo aquilo que as pessoas estão vivendo hoje em dia. Muitas guerras e conflitos estão acontecendo para mostrar quem está certo e quem está errado, tornando-se uma

maneira de demonstrar os direitos que possuem. Entretanto, não é possível encontrar as soluções para esses conflitos, por meio da demonstração de quem possui mais poder. A solução para esses conflitos encontra-se diante da efetividade do diálogo, meios de realização do que se decidiu nesta comunicação, que deve estar repleta de amor e de esperança, sempre se espelhando na vida e na comunicação de Jesus Cristo. Esse diálogo é encontrado na política mundial da paz, da solidariedade e da cultura da proximidade com o outro. Necessita de uma resposta sem preconceito, sem demonstração de poder, sem dizer quem está certo e quem está errado, mas de forma que acolha essas diferenças.

João Paulo II presenciou guerras e conflitos, onde a sua própria vida foi quase massacrada no campo de batalha como forma de decisão de quem possui a razão e a força. As pessoas próximas a ele terminaram a sua vida nessa grande discussão, sendo sujeitos injustiçados, perdendo os seus direitos e o seu valor. Assim, João Paulo II, com a sua confiança de que iria vencer essa tragédia e perdendo pessoas especiais, apresenta a todos que ainda é possível encontrar Deus apesar de bombas, de balas, de explosões e da injustiça.

Deus revela que, ainda, é possível segui-lo mesmo diante de tantos problemas que o próprio ser humano pode causar. Jesus Cristo, mesmo sendo contrariado e não acreditado, entregou-se para a salvação da humanidade. Cristo é a resposta para compreender a dignidade humana. A humanidade de Jesus Cristo, dentro de suas limitações, demonstra o caminho real e verdadeiro para se chegar até o Pai. Além disso, ele relembra a missão que cada ser humano possui, que foi esquecida por Adão, de construir uma humanidade solidária, com respeito e com harmonia, tudo a partir do amor.

Contudo, o pecado foi inserido nesse mundo que ocasionou a corrupção dessa humanidade, gerando a morte. Mesmo assim, Deus continua se revelando, mostrando que ainda ama o seu povo, e, por isso, desceu dos céus e encarnou-se pelo Espírito Santo para a salvação. Na sua vida terrena, demonstra respeito por todas as culturas, ideias, vidas distintas daquelas pessoas com quem Jesus se relacionava. Desse modo, esse respeito deve estar no centro de todas as realidades humanas, políticas, culturais e econômicas. A missão da Igreja é de evangelizar, de trazer a imagem de Jesus, de trazer a paz e a justiça para defender os direitos e a dignidade humana.

Percebe-se que o sentido humano está presente no evangelho, na vida de Jesus Cristo, no seu modelo que direciona para Deus, para se tornar santo. João

Paulo II direciona o ser humano para a sua origem porque o ser humano nasce das mãos de Deus, através da sua vontade, do seu amor. Ele o confiou para que pudesse cuidar da sua criação, para que continuasse a sua harmonia nesse paraíso. Nesse sentido, o ser humano possui uma sacralidade da vida humana, uma dignidade e um valor, pois isso nasce pelo dom grandioso de Deus.

A vida humana não nasce de qualquer forma, mas através do coração de Deus, e, por isso, deve ser defendida de qualquer modo. O ser humano possui a missão de, além de se responsabilizar pela criação de Deus, cuidar do ser humano, pois se faz parte dessa obra do Pai. Ao desmerecer essa criação está desmerecendo a própria imagem e semelhança de Deus, como já foi apresentado neste trabalho, contrariando os seus planos salvíficos.

João Paulo II, apresenta uma reflexão de como é possível encontrar a dignidade humana a partir da vida de Jesus Cristo, sendo modelo ideal para alcançar a vida eterna. Assim, diante de suas palavras inspiradoras, preenchidas de amor e de esperança, ao mesmo tempo, essas palavras fazem parte também das suas ações. Jesus Cristo não somente produz em palavras as direções que o ser humano precisa viver para chegar até os braços do Pai, mas se faz possível enxergar na proximidade, no carinho e na atenção que Jesus entrega para aqueles que necessitam.

Compreender como Jesus agiu para proclamar os mandamentos do Senhor é poder observar a sua humanidade. Ele demonstrou a sua vocação que é amar. Isso não se distingue com a vocação de qualquer ser humano porque Deus inseriu nos corações humanos o amor, que deve e que precisa ser usado para aqueles que possuem dificuldade em sentir e em se entregar. Assim, depreende-se que analisar as atitudes de Jesus é também fazer o mesmo para si.

Nesse sentido, é fundamental que o ser humano comece a observar como as suas atitudes estão sendo administradas. Averiguar o motivo dessa ação faz compreender a origem dela, se está vindo do amor ou do ódio. Assim, pode-se concluir o funcionamento humano, ou seja, o ato faz enxergar o como é a pessoa humana. Jesus mostra a sua humanidade através das suas palavras e ações. Mostrar do mesmo modo que o filho encarnado é apresentar a nossa dignidade humana.

João Paulo II faz essa observação, origem do ser humano e a vinda do pecado. Apresenta a história de Caim e Abel, que é fundamental na compreensão de como é esse tipo de atitude é comum e acontece com total frequência nos dias atuais. A

inveja, que surge do ódio, tem como objetivo enfraquecer o valor humano, tornado em si, um sujeito de distância, criando uma superioridade que nunca existiu.

Atualmente, nasceram posições que nunca foram colocadas por Deus ao mundo. Chegou em uma situação em que, o próprio ser humano, passa a frequentar uma posição de divindade. Em outras palavras, a pessoa acredita que possui o poder de querer e fazer o que quiser. Desse modo, a vida que Deus confiou ao ser humano, passa a ser interpretada de outra forma. O sujeito se aproveita disso para criar máquinas que destroem a criação de Deus, como a tecnologia. O conhecimento humano, ao invés de ser usado para o desenvolvimento e para o cuidado humano, é utilizado para o bem de si mesmo, ou até para desfavorecer o próximo. Desmatamento, poluição, aborto, toda a tecnologia está sendo desenvolvida para a morte e não para a vida.

Não precisaria defender a vida humana, se o próprio ser humano não se colocasse contra. A vida da pessoa, a sua dignidade, o seu valor e o seu direito deve ser defendido do próprio ser humano, ou seja, a pessoa está guerreando contra o próximo, da mesma imagem e semelhança de Deus, mas é o pecado que vira o olhar para si mesmo, para a morte, para o uso do ser humano como objeto de lucro e de bem.

A vocação humana é criar abertura para a vida, e não a limitar. O ser humano deve criar oportunidade para que o seu próximo possa viver de forma digna e com os seus direitos. Aqueles que já estão desenvolvidos precisam ajudar aqueles que ainda estão se desenvolvendo. Uma sociedade que não doa o que tem para os que não possuem nada, não estará presente no reino dos Céus.

O ser humano precisa favorecer a vida humana; a política precisa estar, de fato, ao lado da pessoa humana, auxiliando no seu direito e na sua dignidade. A economia deve estar direcionada para o trabalho justo e honesto, proporcionando um sustento digno para o sujeito e para a família. Este trabalho não pode esquecer que a peça fundamental é a própria pessoa, demonstrando a sua dignidade na sua habilidade, no seu talento e no seu esforço.

Para que a dignidade humana seja vista como primordial sentido da vida humana é necessário amar. Amar a si e principalmente ao próximo. Amar que ajuda a olhar para os que necessitam de ajuda. Amar é possibilitar olhar na humanidade do próximo, compreendendo as suas fraquezas e ações, auxiliando para que possa se tornar um ser humano completo e cheio do amor de Deus. Desse modo, Deus se fez

presente revelando o seu amor em toda a história humana, apresentou seu amor de diversos modos: através dos profetas, pelos mandamentos, pelas palavras, pelas ações, pelos Milagres e por Jesus Cristo.

Diante disso, o amor humano denota o amor divino. O amor de Deus está presente no amor humano. Assim, para poder reconhecer e experimentar é fundamental viver diante das pessoas. Deus amou a sua criação através do próprio ser humano e esse amor está presente no mundo, mas é necessário acolhê-lo e colocar na vida.

Amar faz parte da nossa condição humana, que nasce então pelo coração de Deus. Assim, se Deus ama é porque nós amamos, pois somos imagem e semelhança Dele. Amar é a resposta para o problema da desigualdade, para a ignorância, para a injustiça e para a agressão. É simplesmente se rebaixar, se colocar de modo humilde e aproximar-se daquele que é diferente.

BIBLIOGRAFIA

ANSERSON, C.; BOGLE, J. **João Paulo II, Homem de Oração: A vida espiritual de um santo**. 1ª ed. Cascais: Lucerna, 2014.

ARAÚJO, Roger. **João Paulo II: Uma Vida de Santidade**. 1ª. ed. São Paulo: Canção Nova, 2011.

BÍBLIA DE JERUSALÉM: 1ª. ed. São Paulo: Paulus, 2002.

GAETA, Saverio. **ESTA É A MINHA VIDA: João Paulo segundo... ele próprio**. 2ª. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta encíclica: Redemptor Hominis**. [S. /]: Paulinas, 1979.

_____. **Amor e responsabilidade**. São Paulo: Cultor de Livros, 2016.

_____. **Carta encíclica: Evangelium Vitae**. Vaticano, 1995. E-book. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_25031995_evangelium-vitae.html. Acesso em: 10 de mar. 2024.

_____. **Carta encíclica: Laboren Exercens**. Vaticano, 1981. E-book. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_14091981_laborem-exercens.html. Acesso em: 20 abr. 2024.

_____. **Carta encíclica: Sollicitudo Rei Socialis**. Vaticano, 1987.

_____. **Carta encíclica: Centesimus Annus**. Vaticano, 1991.

_____. **Memória e Identidade**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.

_____. **Carta Encíclica: O Redentor do Homem.** Vaticano, 1979.

LADARIA, Luis F. **Introdução à Antropologia Teológica.** 1ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1998.

MESSORI, Vittorio. **Cruzando o limiar da esperança por sua santidade João Paulo II.** 2a. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

PEIXOTO, A. *et al.* **A Pessoa: da conceituação da dignidade humana.** 1ª. ed. São Paulo: CRV, 2017.

SCIADINI, Patrício. **Biografia de João Paulo II.** 1ª. ed. São Paulo: Loyola, 2011.